

CRISTINA ROLIM CHYCZY

## A Importância da Produção de Textos na Alfabetização.

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Alfabetização do Departamento de Métodos e Técnicas da Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista.

CURITIBA  
1992

Aos meus pais, que fizeram  
de suas vidas, uma lição de fé  
e de amor.

A minha eterna admiração a  
vocês!

Agradeço a toda a Equipe da  
Escola Municipal Nossa Senhora  
da Luz, que em muito apoiou na  
execução deste trabalho.

## Sumário

### I- Introdução

1- Contexto.....	01
2- Justificativa.....	01
3- Formulação do Problema.....	02
4- Objetivos.....	02
5- Delimitação do Problema.....	02
6- Limitações.....	02

### II- Revisão da Literatura.....03

### III- Metodologia.....07



### IV- A Execução do Projeto.....07

### V- Atividades que Implementaram o Projeto.....09

1- Escrita a partir de desenhos.....	10
2- Desenhos.....	15
3- Explorando a Literatura.....	17
4- Narração de Histórias.....	19
5- Trabalhos em Grupos.....	23
6- Atividades de Leitura.....	26
7- Texto Coletivo.....	37
8- Textos Informativos.....	40
9- Quadrinhas.....	42
10- Escrita de Receitas.....	44
11- Cartas.....	46
12- O Alfabeto Móvel.....	50
13- Narração de Experiência.....	50

### Considerações Finais.....52

### Conclusão.....62

## I- A Importância da Produção de Textos na Alfabetização

### 1- Contexto:

A alfabetização hoje, constitui um grande problema na educação brasileira. Na verdade, ela reflete a situação da educação como um todo. E dentro do problema da alfabetização, um grande agravante é a forma com que a escola vem ensinando a criança de 1ª série a escrever. Na busca de "métodos maravilhosos", o centro principal da alfabetização, que é o aluno, vem sido cruelmente esquecido. E muitas vezes, até mesmo culpado pelos fracassos da escola.

A escola vem trabalhando a escrita, na grande maioria das vezes, como algo artificial e mecânico, utilizando-se de cartilhas que apresentam um universo superficial, muito longe da realidade das crianças

Os professores trabalham produção de texto tão somente para verificação de conteúdos gramaticais e não com o seu verdadeiro propósito, o de desenvolver a criatividade e criar uma relação entre o aluno e o mundo que o cerca. O resultado desta prática de ensino é desastrosa, pois o aluno, não encontra motivação para a prática da escrita, e a produção para ele torna-se um tédio. O aluno produz uma escrita que o professor "deseja" ou aquela de acordo com os moldes da cartilha, um monte de frases soltas que não têm nenhuma relação com a realidade

Para que a alfabetização obtenha resultados positivos, a escola precisa deixar de procurar "soluções milagrosas" e aproveitar o grande potencial que os alunos trazem consigo, dando ênfase à escrita criativa, estimulando a produção textual, para que o aluno goste de escrever, e trabalhe com "vida" naquilo que produz. Sim, por que, quando uma criança produz espontaneamente um texto, ela cria, e estabelece com a escrita uma relação criativa, deixando de lado a superficialidade.

E somente a partir de uma relação natural com a escrita, que as crianças vão entender sua convencionalidade e sua verdadeira função.

### 2- Justificativa:

A alfabetização não deve ser encarada como uma mera decodificação de códigos escritos. Alfabetização, deve ir muito além, visto que é um processo global e deve se propor a desenvolver o aluno como um todo, promovendo atividades criativas, deixando de lado exercícios enfadonhos e repetitivos, para que a escola se torne, assim, um local propício a este desenvolvimento global.

A escola deve ser sensível ao aluno, procurando transformar seu ensino, ir além do "treinamento" de habilidades, como a "boa" escrita; ela deve propiciar instrumentos que possam ajudar este aluno a desenvolver-se globalmente como um ser humano, sem subestimar suas capacidades. E é neste sentido que o trabalho com a escrita através da produção de textos deve ser encarado: acreditando-se no aluno e em seu grande potencial criativo que esta "pronto" para ser desenvolvido, bastando, apenas, que os profissionais da educação sejam sensíveis a este fato. Na realidade, o aluno tem sido visto, como um "ser" desprovido de qualquer tipo de saber, que está na escola para receber verbalmente as "verdades" que o professor tem para lhe oferecer.

### 3- Formulação do problema:

Qual a contribuição da Produção de Textos na Alfabetização de crianças na 1ª série do ensino de 1º Grau?

### 4- Objetivos:

O presente estudo tem por objetivos:

- 1- Descrever o trabalho com a Produção de Textos na Alfabetização de crianças na 1ª série.
- 2- Verificar os efeitos provenientes do trabalho com a Produção de Textos em Alfabetização na 1ª série do 1º Grau.

### 5- Delimitação do Problema:

A pesquisa será realizada na Escola Municipal Nossa Senhora da Luz - Ensino de 1º Grau, situada na Praça Central da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, na Cidade Industrial de Curitiba.

A área de atuação da escola abrange alunos advindos de famílias de classe baixa e por tanto, carentes, social e economicamente.

O trabalho de pesquisa será realizado no ano de 1992 em uma turma de 1ª série da Escola, constituída por um número aproximado de 25 crianças na faixa etária em torno de sete anos.

### 6- Limitações:

Visto que a alfabetização é um processo que envolve o aluno como um todo, e não tem um fim em si mesma; a grande dificuldade encontrada, a priori, é o tempo reduzido para desenvolvimento do trabalho, este poderá acompanhar apenas uma parte de todo o processo de desenvolvimento dos alunos que serão pesquisados.

## II - REVISAO DA LEITURA

O ensino da escrita sempre esteve voltado para a procura de métodos que fossem "eficientes", e tratavam a criança como um ser universal, procurando a melhor forma de ensinar esta criança a decodificar códigos escritos.

Como salienta Emilia FERREIRO e Ana TEBEROSKI em relação aos métodos de alfabetização mais freqüentemente usados:

O método sintético incide, fundamentalmente na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. E, posteriormente, sob a influência lingüística, desenvolvendo-se o método fonético, propondo que se parta do oral. Inicia-se pelo fonema associando-o à sua representação gráfica. Já os Métodos Mistos, partiram, das benevolências de um e de outro, com ênfase dada às habilidades perceptivas, descurando da competência lingüísticas da criança. <sup>1</sup>

E assim que a escola vem trabalhando a escrita e talvez por esta maneira de trabalho se justifique o porque das crianças não gostarem de escrever.

A escola sempre está a procura de métodos, e acaba esquecendo que o aluno deveria ser o seu objetivo principal, pois, afinal, este aluno é um ser extremamente rico em experiências, e o ensino da escrita deveria ter foco principal o interesse da criança, aproveitando ao máximo toda esta bagagem cultural que a criança traz consigo.

Lucy McCormick CALKINS mostra um aspecto fundamental da utilidade da escrita:

"Os seres Humanos sentem uma profunda necessidade de representar sua experiência neste mundo através da escrita. Necessitamos tornar nossas verdades bonitas."<sup>2</sup>

A escrita é consciência que o ser humano tem de estar vivo, pois através dela é que expressa os sentimentos que tem em relação à vida.

E a escola, muitas vezes por inexperiência, bloqueia na criança este desejo tão importante e fundamental, que é expressar-se através daquilo que escreve.

O professor precisa aprender a incentivar o desejo das crianças para escrever, não usar a escrita somente como um pretexto para ensinar o correto manuseio da língua portuguesa. Além disso, o professor deve saber como envolver a escrita com aquilo que a criança sente, pensa, experimenta, extrair dela sentimento, com objetivo de criações autênticas e criativas.

1. FERREIRO, Emilia & TEBEROSKI Ana. Psicogênese da Língua Escrita. 4ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991. P. 19.21.

2. CALKINS, Lucy McCormick. A arte de ensinar a escrever. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989. p.15.

O professor deve, então, estar preparado para começar a aprender com o seu aluno, deixando de lado esta incessante procura de "métodos maravilhosos".

Assim, se a escrita deve vir totalmente de encontro com os anseios e desejos da criança, por que a escola vem trabalhando esta escrita como decodificação de textos tão distantes da realidade do aluno? Por que dificulta e impõe barreiras que a maioria das crianças não consegue superar?

Luis Carlos CAGLIARI tem uma colocação que denuncia e responde, de certo modo a este, questionamento:

Nada melhor do que a ignorância para gerar a obediência cega, a subserviência, o conformismo, como destino irrevogável da condição humana. Assim, a escola deturpa toda a consciência que a criança tem da linguagem oral; e sem o conhecimento competente da realidade lingüística compreendida no processo da alfabetização, é que a criança "aprende a escrever".<sup>3</sup>

E toda esta falta de preparo que a escola tem em relação à boa formação de seus alunos, ela mesma busca justificar com a seguinte assertiva:

A culpa do fracasso cabe ao aluno, pois os alunos pobres têm pouco contato com a escrita e a leitura antes de entrarem para a escola.

E a essa afirmação em relação aos alunos de camadas populares e menos favorecidas Luis Carlos CAGLIARI contrapõe uma reflexão bastante interessante:

É importante lembrar que essa criança que passa fome viveu assim por sete anos e, apesar disso, aprendeu a falar, a entender o que lhe dizem, a agir em diferentes situações, a realizar alguns trabalhos, a encontrar um caminho para si nessa miséria e a sobreviver. A escola não pode tratá-lo como um ser falido; se sobreviveu até agora é porque tem condições de aprender a se desenvolver, talvez até mais conscientemente do que uma criança que sempre tenha vivido na redoma do lar.<sup>4</sup>

E também, muito importante dentro desta perspectiva, salientar as diferenças dialetais com as quais a escola dificilmente sabe como trabalhar. As crianças que "falam diferente" não devem ser discriminadas pela escola. Os professores devem entender que este fato se dá pelo fato de as crianças pertencerem a grupos geográficos ou sociais, que desenvolveram hábitos de falar mais ou menos distanciados daqueles que a sociedade estabeleceu como padrão. Devem ter em mente que, com o convívio escolar, e com a prática "natural" da escrita a criança se atualiza renova seu vocabulário e chega a inovações.

3. CAGLIARI, Luis Carlos. Alfabetização e Lingüística. 3ª ed. São Paulo, Scipione, 1991. p. 8., 10.

4. CAGLIARI, Luis Carlos. Alfabetização e Lin-



É salutar que a escola saiba trabalhar com as diferenças dialetais, sob o ponto de vista da eficácia do uso da linguagem, que, trabalhada incessantemente pelo professor e pelos alunos, vai resultar em padrões de correção aceitáveis na escrita.

A escola, na figura do professor, deve ter muito clara esta concepção da escrita: que muitas vezes é preciso ouvir das crianças o que é escrever, para que serve a escrita, valorizando as opiniões que as crianças possam apresentar, porque, se o professor não tiver essa preocupação, as produções não se constituíram em prazer e sim em tédio.

Como mostra Maria Ignez de Oliveira GUIMARÃES em sua Dissertação apresentada ao Curso Pós-Graduação em Educação:

Para as crianças mais favorecidas, o próprio meio familiar poderia ser suficiente para garantir as ocasiões de utilização da escrita, de modo que o desenvolvimento da competência comunicativa se haveria de fazer como um processo natural, emergente das situações do meio. Nesse caso, o papel da escola seria apenas completar, pelo treinamento das habilidades motoras exigidas na produção de grafias, mas quando, porém, tal estimulação não acontece - o que fatalmente ocorrerá nas camadas mais baixas da população - a proposta da escola, proporcionando aos alunos a mera mecânica associativa de sons e grafias, exigindo deles tão somente o domínio dos aspectos formais da escrita, como ortografia, pontuação e apresentação dos parágrafos, corre o risco de não desenvolver novos hábitos de produção e, assim, não proporciona a familiarização com a escrita.<sup>5</sup>

O objetivo primordial das produções textuais não deve ser a boa ortografia; as produções devem visar o desenvolvimento da criança em relação as suas habilidades de expressão, para que o aluno possa sentir-se um sujeito ativo no meio em que atua. Sim, pois o aluno que escreve, coloca em suas produções o seu grande potencial criativo. Em relação as atividades ortográficas, fica demonstrada a estratégia da criança em escrever como se fala. As crianças se utilizam da linguagem que o meio lhes oferece.

E como esclarece Maria Ignez de Oliveira GUIMARÃES:

5- GUIMARÃES, Maria Ignez de Oliveira. Redação escolar: Processo e produto das classes de iniciação. Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Educação. Curitiba, 1980. p.4.

E claro que o desenvolvimento das potencialidades de um individuo, só poderá ser conseguido, se o educarmos para a libertação do seu impulso criativo, para o livre acesso à informação que enriqueça e organize o seu plano de expressão e para e para a busca incessante de tornar eficiente a sua produção, no sentido de causar os efeitos desejáveis para o desenvolvimento do produtor com sua obra; a atitude de independência e a busca constante de atingir a melhor forma de organizar e manifestar os resultados da própria descoberta caracterizam todo o ato da criação, em que se inclui a produção singular de um texto, pois a pessoa que escreve, transmite não só informações mas também sentimentos e emoções.<sup>6</sup>

#### Conclusão Preliminar.

Quando a criança ingressa na escola ela já possui toda uma história de vida, experiências. Ela tem a sua cultura que herdou do seu ambiente familiar. Enfim, ela já sabe de muitas coisas, ela já fala, conta, traz sua bagagem vivencial. A escola deve, pois, aproveitar toda esta cultura que a criança traz consigo e não tratá-la como alguém que tem somente que aprender a ler, contar e decorar. Isto é totalmente desestimulador para uma criança, principalmente para a criança de 1ª série que chega na escola cheia de expectativas.

Acreditamos, assim, na proposta de um ensino criativo inserido no universo da criança. Acreditamos principalmente, em uma alfabetização que parta da idéia das crianças, crianças pertencentes a uma classe desprivilegiada de nossa sociedade, mas que tem muito a oferecer pois têm uma história de vida "difícil", e são bem "inteligentes" para saberem sobrepor-se a ela.

A proposta de alfabetização está calcada na produção de textos, por que um texto é cheio de significados e dele podemos partir para um ensino da língua com significação real. O texto revela a interação do seu autor com a linguagem falada, revela enfim, a maneira pela qual este sujeito vê o mundo. E é embasados nesta proposta que procuramos trabalhar a alfabetização, significativamente, baseada no mundo, no mundo da criança.

6-GUIMARAES, Maria Ignez de Guimarães. Redação escolar processo e Produto das Classes de Iniciação. p.62.,141.

### III- METODOLOGIA

A pesquisa adota um estudo feito na área da alfabetização. Pretende, a partir do trabalho de pesquisa-ação com as crianças na 1ª série do 1º Grau, adotar a prática de produção espontânea de textos onde a criança seja o foco principal de todo o processo.

Através de um ambiente estimulador o professor deverá:

- Estimular as crianças para a produção escrita.

- Procurar garantir a estas crianças a leitura de diversos segmentos escritos.

- Trabalhar criativamente a escrita, aproveitando o potencial oferecido pelos alunos.

- Oportunizar às crianças experiências significativas que possam contribuir para o seu desenvolvimento verbal e escrito.

- Tornar o ambiente escolar agradável para que a criança sinta o prazer de ler e escrever.

Enfim, a desinibição para escrever é a meta principal que o trabalho busca atingir, pois a "fluência verbal e ortografia" virá como consequência.

### IV- A EXECUÇÃO DO PROJETO

O processo de alfabetização não tem um fim em si mesmo, isto é, a criança "alfabetizada" não é aquela que sabe escrever corretamente as palavras que a professora ensina, mais sim, aquela que entende o real sentido da escrita, e que vivencia a escrita no seu dia-a-dia.

A alfabetização é realmente uma longa trajetória, que a criança deve percorrer. E neste sentido o professor deve entender que a criança passa por muitas etapas até estar alfabetizada.

Neste sentido é muito importante a obra "A produção de notações na criança" organizada por Hermine Sinclair que traz contribuições significativas de Emília Ferreiro a respeito da concepção da escrita. A obra aponta os níveis de conceitualização da escrita, definindo-os da seguinte maneira:

#### Primeiro período:

O primeiro período caracteriza-se pelo trabalho da criança em tentar encontrar características que permitam, introduzir certas diferenciações dentro do universo das marcas gráficas. Uma primeira diferenciação é a que separa marcas incônicas das demais. Nesse momento, a escrita parece ser definida apenas pela negação: ela não é desenho. A criança não utiliza necessariamente os termos convencionais para dominar esta escrita. Ela pode falar, geralmente, em letras ou em números sem fazer distinções entre esses dois subconjuntos

O que é interpretável não é uma letra isolada mas uma série que deve preencher duas condições formais essenciais: ter um a quantidade mínima e não apresentar a mesma letra repetida. Dizemos "letras", mas de fato deveríamos falar de grafemas não icônicos que funcionam para a criança, como letras. De fato, também pode tratar-se de "verdadeiras" letras, como de algarismos, de "quase letras" ou "pseudo-letras", ou simplesmente de série de bolas e de barras verticais.

#### Segundo Período:

As crianças neste período já começam a elaborar a exigência de uma quantidade mínima o que, além disso tentam manter sob controle a quantidade máxima (entre três e sete caracteres, por exemplo). Para elas a diferenciação entre o que é desenho e o que é escrita já é algo adquirido. Crianças que já começaram a elaborar a exigência de quantidade mínima e que, além disso, tentam manter sob controle a quantidade máxima. Para elas, a diferenciação entre o que é desenho e o que é escrita já é algo adquirido.

#### Terceiro Período:

O terceiro período é o que corresponde à fonetização da escrita que começa por um período silábico e culmina no período alfabético.

Dentro do período silábico, a criança produz uma escrita guiando-se pelos critérios de diferenciação intra figuras, próprios do período precedente; mas em seguida, quando ela faz a leitura do que acaba de produzir, essa leitura torna-se uma justificação. Ela busca fazer corresponder uma sílaba da palavra a cada letra escrita muito frequentemente, ela encontra mais letras do que sílabas e, então, em lugar de apagar as letras que sobram, ela faz rearranjos complexos que conduzem ou a repetir sílabas, ou a juntar letras ou a "pular" letras, tudo com intenção de chegar até o fim do texto escrito.

A etapa final da evolução é o acesso aos princípios do sistema alfabético. Essa etapa final, nesse caso como em outros, é, contudo, também a primeira de

um outro período. De fato muitos problemas ficam ainda por resolver, principalmente os de ortografia, que surgirão em primeiro plano. Uma nova distinção se impõe a partir de então entre os problemas de escrita propriamente dita e os problemas de ortografia. Estes só começam uma vez captados os princípios de base do sistema alfabético, o que em nada lhes retira sua importância.<sup>1</sup>

A caracterização de cada período não é estanque, porque há noções que se formam simultaneamente e há problemas que perpassam os três períodos. Por estes fatos acreditamos que a idéia de ensinar não é acrescentar tranquilamente mais um tijolo em uma parede, pois esta dinâmica é muito mais complexa, já que não é vista e nem previsível de fora para dentro.

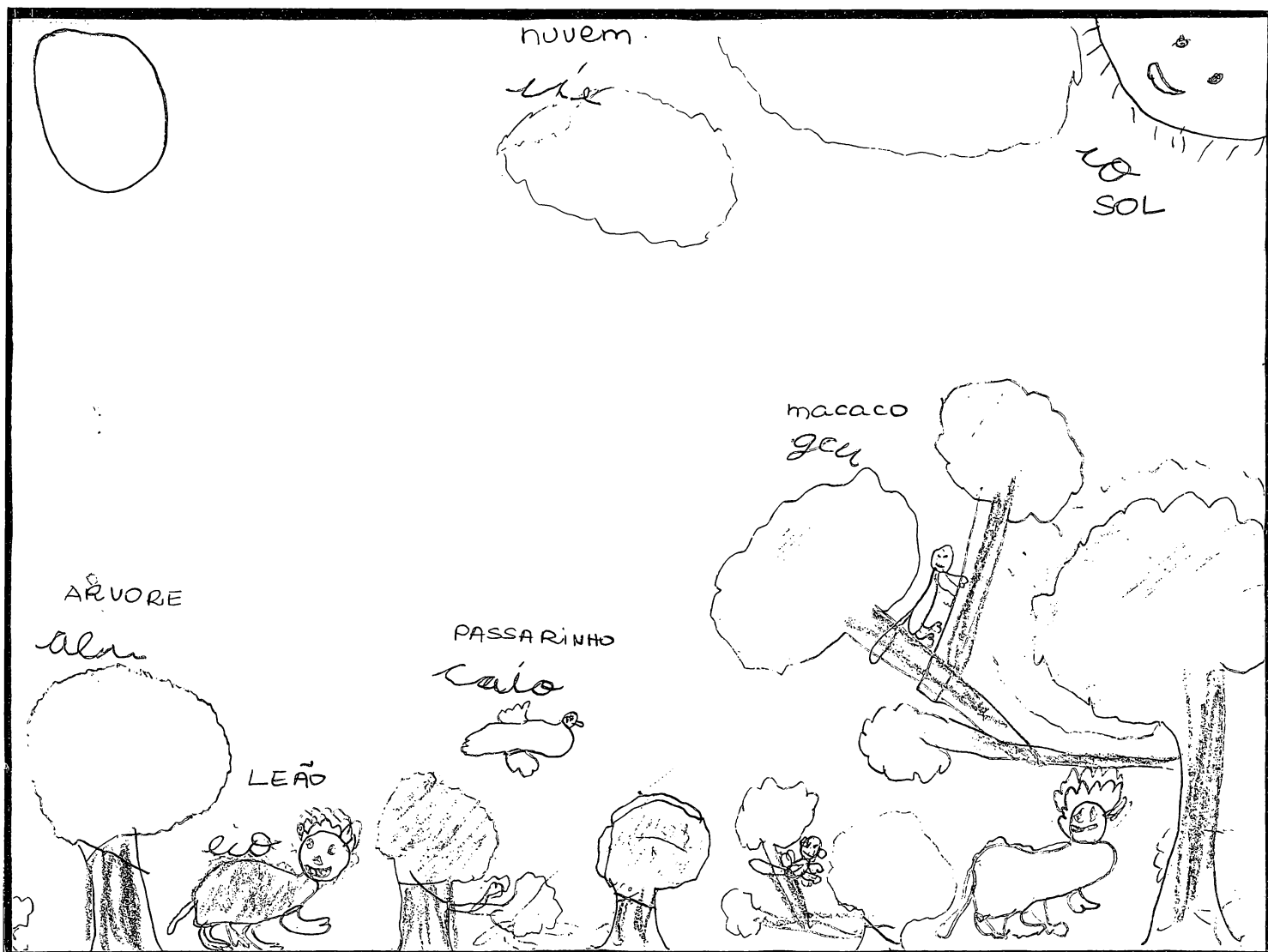
Dentro desta perspectiva acreditamos que a alfabetização constitui-se em uma trajetória - uma longa trajetória.

O projeto de pesquisa foi realizado na Escola Municipal Nossa Senhora da Luz, em uma turma de 1ª série de 21 alunos, sobre nossa regência. Nesta turma, como em todas as outras turmas há diferenças significativas no processo evolutivo de cada criança, pois a faixa etária é bastante variada: existem 2 crianças de 7 anos, 9 crianças de 8 anos, 1 criança de 9 anos, 4 crianças de 10 anos, 1 criança de 11, 3 crianças de 12 anos e 1 criança de 13 anos. Pode-se, assim, verificar que os níveis de conhecimento e experiência destas crianças são muito diversificados. No entanto, não existe nessa turma de alfabetização uma criança que esteja no primeiro período da concepção da escrita, pois todas as crianças já tiveram experiências escolares (ou frequentaram a pré-escola ou são retidas de 1ª série). Embora as idades dos alunos seja diversificada, assim como os níveis de experiência em que se encontram também sejam bem diferentes, todos os alunos executam as mesmas tarefas e todos avançam, cada um no seu ritmo de aprendizagem.

Ao ingressarem na escola estas crianças já possuíam conhecimentos sobre a língua escrita, pois nenhuma destas crianças estava frequentando pela primeira vez a escola. Feito um diagnóstico no início do ano pôde-se perceber que, das 21 crianças 9 delas estavam no terceiro período de desenvolvimento:

1. SINCLAIR, Hermine. (organizadora). A produção de notação na criança. Tradução de Maria Lucia F. Moro. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1990. p.22.23.26.33.52.64

Dentro do período silábico:



No início do ano 9 alunos desta turma de alfabetização encontravam-se como este aluno como este aluno do exemplo acima, no nível silábico.

Neste tipo de escrita, como se evidencia no exemplo, fica demonstrado que criança sabe que para escrever é necessário a utilização de letras e cada letra por ela utilizada representa uma sílaba.

A criança faz também a exigência de uma quantidade mínima de 3 caracteres para escrever - com exceção da palavra sol, para a qual utilizou duas letras - Esta relação pode-se dar pelo fato de a palavra ser monossilábica

A criança já adota também uma escrita de ordem linear e utiliza-se da letra manuscrita para escrever, o que comprova a forte influência da escola sobre ela.

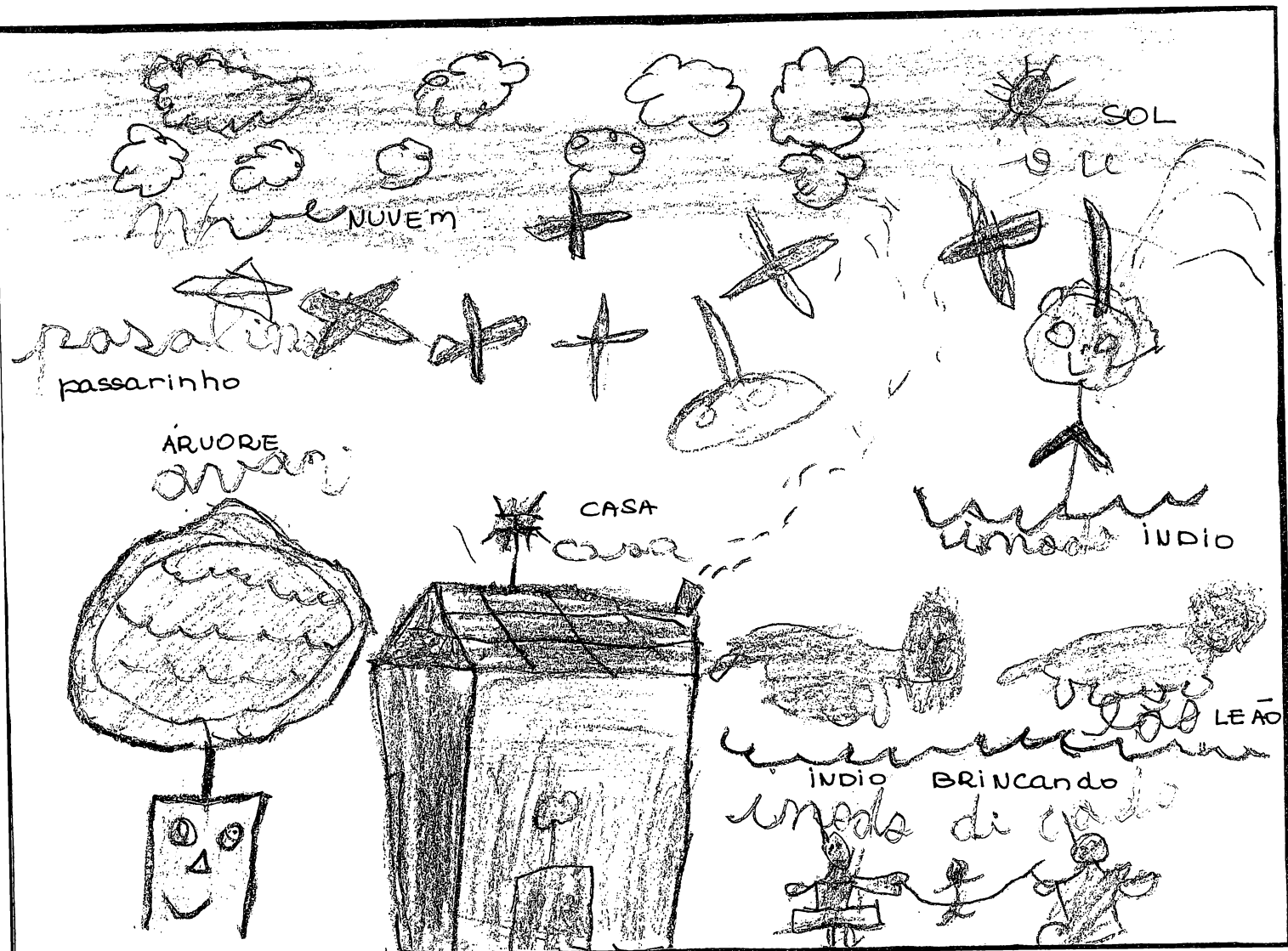
As hipóteses levantadas pela criança:

aeu : árvore  
eio : leão  
caio: passarinho  
gcu : macaco  
io : sol

Nota-se que a presença das vogais foi mais acentuada, mas houve também o uso de consoantes; então percebe-se que esta criança além de ter uma influência escolar, tem contato com materiais escritos. Embora não tenha atentado para o som convencional das letras, a criança pronuncia a palavra e associa cada sílaba a uma letra.

As letras usadas pela criança para a escrita do nome de seus desenhos são diferentes, pelo que se percebe que a criança explora a possibilidade de permuta na ordem linear.

Existem também nesta turma de alfabetização 8 alunos que estão um pouco além do nível silábico, encontra-se no nível silábico alfabético, dentro também, do terceiro nível de desenvolvimento.



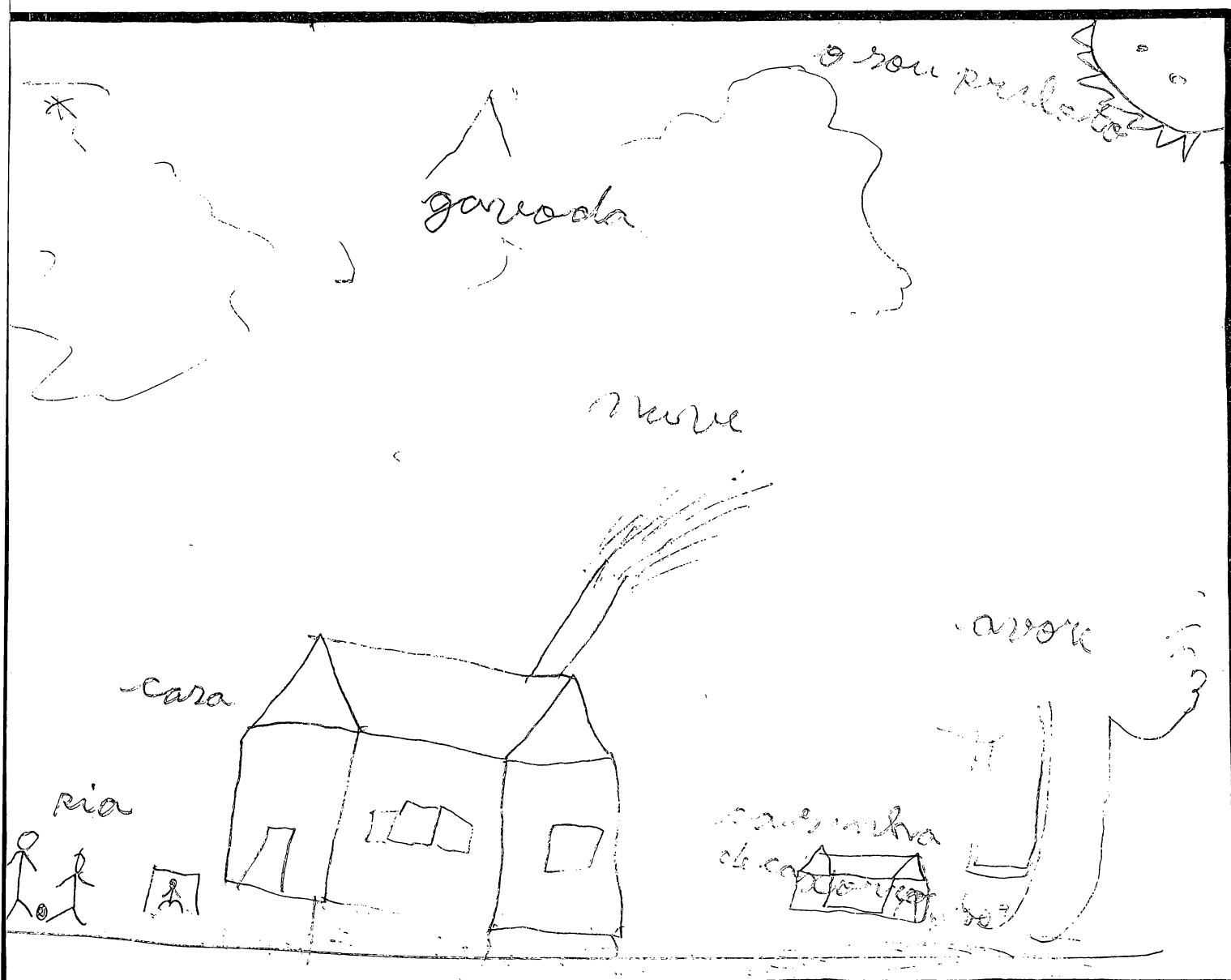
O aluno levanta as seguintes hipóteses:

avar : árvore  
nve : nuvem  
asa : casa  
inodo: índio  
inodo di cado: índio brincando  
ou : sol

Este pode ser considerado como um momento de superação da hipótese silábica, por que aqui se dá o conhecimento do valor sonoro convencional de algumas letras. O aluno passa a perceber que para a escrita da palavra ele precisa fazer uma análise maior com relação as letras que vai utilizar.

Este momento da escrita é muito mais rico que o anterior. A criança faz uma hipótese bem mais elaborada, a de que precisa abandonar a idéia de que faz falta uma certa quantidade de letras para que algo possa ser lido e reflete sobre a idéia de que escrever algo é ir representando, progressivamente, as partes sonoras da palavra escrita.

Nesta mesma turma havia 4 crianças que estavam "iniciando" a alfabetização no nível alfabético, a "etapa final" da evolução no 3º Período de aquisição da escrita.



Pela escrita da criança nota-se que o aluno não tem mais dificuldade em "lidar" com o código alfabético. O grande passo da vinculação "pronúncia" => construção alfabética da sílaba está dado, mesmo que a ortografia não corresponda adequadamente aos padrões lingüísticos.



Vale a pena salientar que destas quatro crianças que ingressaram na alfabetização escrevendo alfabeticamente apenas uma era retida, as outras três haviam desistido de estudar antes do término do ano letivo. Entre elas há uma criança cujo pai é invasor de terras e antes da criança concluir o ano ele a tira da escola para que o acompanhe.

Apesar de os alunos estarem em diferentes níveis de escrita, como foi evidenciado, é sempre possível propor a mesma atividade para todos, embora os níveis de realização sejam bem diferentes. Aproveitando estas diferenças as crianças aprendem a utilizar informações umas das outras e isto estimula o trabalho de grupos e a interação ocorre de forma natural.

Para alcançar o objetivo de levar as crianças à escrita ortográfica foram realizadas diversas atividades as quais serão descritas neste trabalho.

O presente trabalho toma a prática de produção textual como cerne da alfabetização, pois um texto é muito mais que uma simples soma de frases e palavras e é um elemento muito mais rico e repleto de informações sobre a realidade de quem o escreve. No texto o professor encontra muito mais subsídios para exercer uma prática alfabetizadora mais crítica e consciente, além de que, permite uma participação mais efetiva do aluno, pois afinal são suas idéias que estão sendo exploradas, reescritas, organizadas e corrigidas. E isto é um fator muito importante para o aluno que se sente valorizado, porque participa ativamente do processo ensino-aprendizagem.

O texto constitui-se em um elemento facilitador para a escrita do aluno e um grande aliado para o trabalho do professor que dele valeu-se para ampliar horizontes, desenvolver a criatividade e os níveis de escrita.

Ingedore VILLAÇA KOCH tem uma concepção sobre o trabalho com a produção textual que vem bem de encontro com estas colocações aqui expostas:

O texto é considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos lingüísticos que só podem ser explicados no interior do texto.<sup>2</sup>

Para que os alunos começassem a produzir textos era necessário que estes conhecessem e trabalhassem muito com as letras e diversos tipos de materiais escritos.

O trabalho com o alfabeto móvel iniciou desde o primeiro dia de aula. As crianças já o utilizaram para montar seus próprios nomes, utilizando-se dos crachás como ponto de referência.

2. KOCH, Ingedore Villaça. A Coesão Textual. 4ª ed. São Paulo, Contexto, 1991. p. 14.

É muito importante este trabalho realizado com letras móveis porque permite que as crianças reflitam sobre o que querem escrever, e através da reflexão possam solucionar suas dúvidas ou dificuldades, avançando, assim, na aprendizagem do código escrito.

Manipulando as letras do alfabeto as crianças refletem como funciona o mecanismo e as regras da escrita, refletindo sobre as letras que querem colocar para formar uma palavra relendo aquilo que escrevem.

Com o uso das letras móveis a criança reflete, pesquisa e reafirma aquilo que sabe. Sobretudo, esta é uma atividade que desperta na criança o interesse pela escrita.

O uso constante do alfabeto móvel permite que as crianças aprendam a "jogar" com as letras e através da manipulação, elas constroem diversos tipos de palavras e chegam até a formar frases.

No início o trabalho parte muito do próprio nome da criança. E através dos nomes a criança forma outras palavras que estes podem gerar, sejam através do acréscimo ou da exclusão de letras. O importante desta atividade é que a criança começa a fazer a relação letra=> som; e é este subsídio que auxiliará e dará embasamento para que a criança comece a produzir textos escritos.

O trabalho com letras a partir de desenhos:

Uma atividade que a criança realmente gosta é o desenho. Desta forma o professor buscou explorar a criatividade da criança através dos desenhos.

Como explica Elvira C. S. LIMA:

"O desenho é a parte constitutiva do processo de desenvolvimento da criança e não deve ser entendido como uma atividade complementar, mais sim como uma atividade funcional."<sup>3</sup>

Antes mesmo de a criança saber escrever ela procura através do desenho representar suas idéias.

Ela própria sabe que o desenho tem uma significação real, porque consiste na expressão "concreta" de uma idéia, sentimento, pensamento. A escola não deve esquecer o real valor que tem o desenho para a criança, não o utilizando tão somente de forma meramente lúdica, como faz muitas vezes.

Através do desenho, pode ser trabalhado o alfabeto, vinculando-se as letras através de desenhos e constituindo a palavra que este ilustra.

Assim, uma das atividades trabalhadas também no início do ano foi a representação do alfabeto através de desenhos. Para este trabalho é muito importante que a criança esteja constantemente em contato com diversos tipos de materiais escritos, pois a partir desses materiais explora-se todo um universo de palavras. Dessa forma, o alfabeto é trabalhado com um valor real e fica mais fácil de ser assimilado pela criança, que além de manipular as letras, relaciona-as com objetos que a rodeia.

Na sala de aula existem diversos tipos de cartazes, desenhos e materiais escritos, o que tornou mais fácil e significativo o trabalho com o alfabeto.

3. LIMA, Elvira C. S. Algumas questões sobre o desenvolvimento do ser humano e a aquisição de conhecimento na escola. Secretária do Estado do Paraná. Curitiba, 1990. p.20.

# Sequência da atividade:

- Em tiras de cartolina as crianças, organizadas em grupos escreveram todas as letras do alfabeto.

- Logo após a escrita são recortadas as letras.

- Houve a colagem das letras na ordem do cartaz acima do quadro; à medida em que as criança vão colando, elas pensam em uma palavra que inicia com a letra que irá colar.

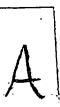




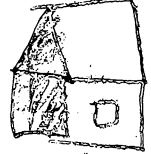








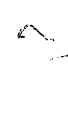







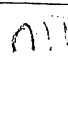









- Com a ajuda do professor ou dos próprios colegas os alunos escreveram e desenharam a palavra que pensaram.

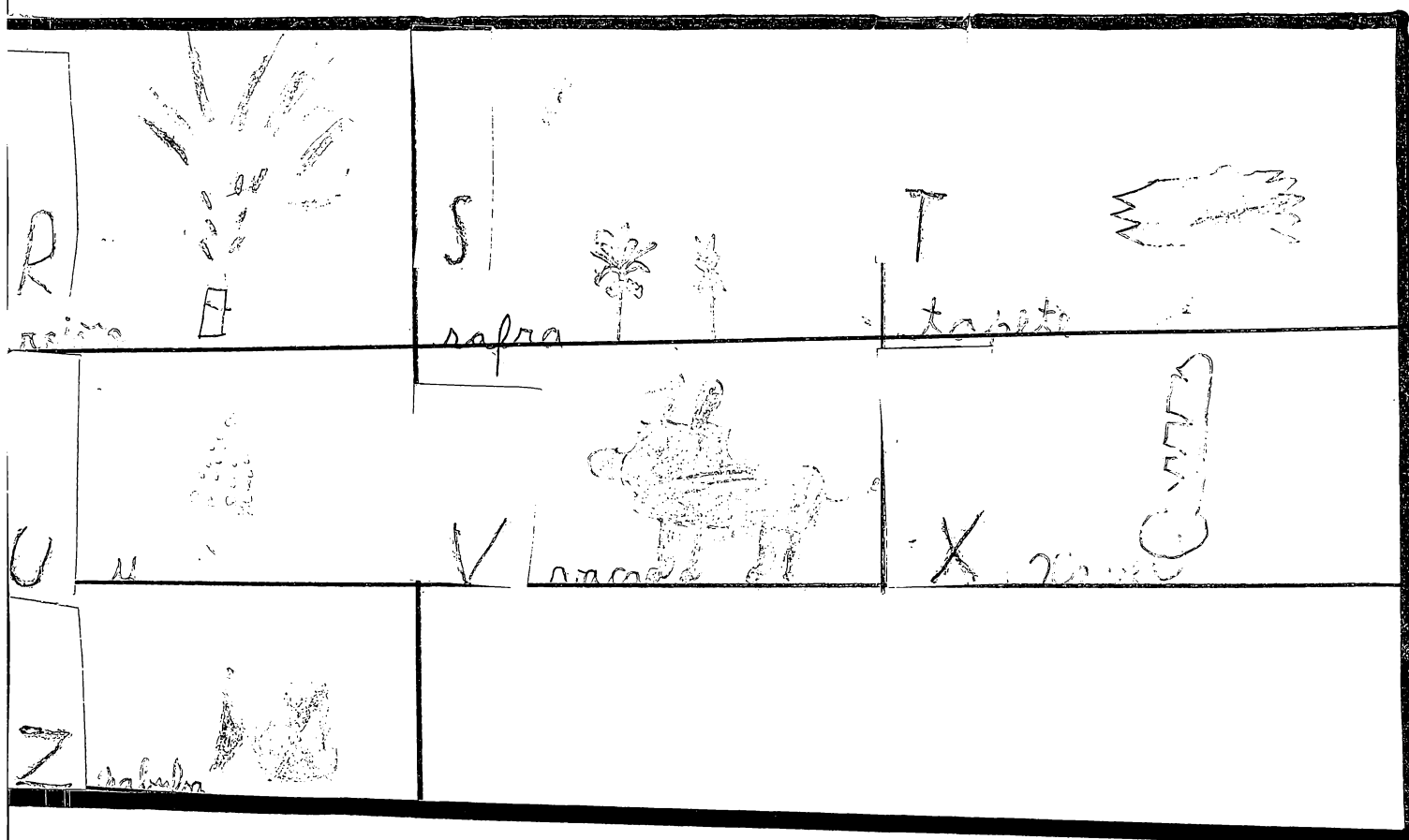
Algumas palavras estavam desenhadas e escritas nos cartazes da sala, mas a maioria dos alunos pensou, escreveu e desenhou palavras diferentes daquelas dos cartazes.

A atividade foi realizada em grupo, as crianças que se perdiam na colagem de acordo com a ordem alfabética, eram ajudadas pelos membros do grupo.

O desenho das atividades foi um grande incentivador da atividade, pois as crianças adoraram desenhar a palavra que escolhiam para representar a letra do alfabeto.







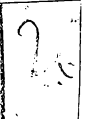

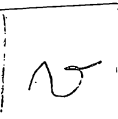





## Exemplos:

 	  bola	  casa	  dade
  escola	  faca	  gato	  hamen
  ilha	  janela	  lata	  mureaco
  naviu	  ovo	  pipa	  quele



- Comentários dos trabalhos de construção de palavras a partir de desenhos:

- Pode-se perceber pelo trabalho das crianças que mesmo estas trabalhando em grupo, as palavras que escolhiam para representar as letras eram bem diferentes umas das outras. A troca que as crianças fazem nas atividades é muito importantes e em muito facilita a aprendizagem, pois quando se trabalha em grupo, as crianças se auxiliam, aprendem a se relacionar melhor, sabem compartilhar materiais e contribuir positivamente no trabalho dos colegas. Tais aspectos são importantes, pois assim, o professor pode dividir melhor o seu tempo entre os diversos grupos.

  <p>rádio</p>	  <p>sala</p>	  <p>statu</p>
  <p>uva</p>	  <p>vila</p>	  <p>saivar</p>
  <p>zebra</p>		

Para que as crianças escrevam é muito importante que elas sejam colocadas diante de situações que para elas sejam significativas. E preciso também que saibam que para escrever não é necessariamente preciso saber "usar adequadamente" as letras do alfabeto. O professor deve, através de sua prática, mostrar que a escrita é realmente uma construção que vai se "fazendo" aos poucos e, no início desta construção, "errar" é perfeitamente natural. Pode-se até relacionar o ato de escrever com outras atividades que as crianças dominam, como por exemplo, andar de bicicleta; no início "cair" é algo normal e ninguém aprende a andar de bicicleta sem cair. É assim que o professor leva as crianças a confiarem que são capazes de escrever; procurando tornar a escrita uma aprendizagem "simples", não algo extremamente difícil que a criança deve decorar para fazer provas e responder perguntas que o professor espera que ela responda.

No início do ano, como as crianças ainda estavam um pouco inibidas, o professor se utilizou da colagem (desenho) para incentivar as crianças a escrever. A colagem não foi um pretexto, mas sim um incentivador que despertou a criatividade da criança para o ato da criação.

A colagem era somente o corpo de uma boneca, a qual eles deveriam completar e dar um nome. Todos participaram e em nenhum momento as crianças se recusaram a fazer ou disseram que não sabiam escrever.

Como as crianças trabalham constantemente em grupos umas ajudaram as outras na composição do texto. Outras pediram ao professor que as auxiliassem a escrever algo. Sempre que a criança é auxiliada pelo professor este lhe diz em voz alta o que está escrevendo, para que ela perceba a relação oralidade/escrita.

Tem-se; então a primeira versão de um texto que pode ser "lido" por qualquer uma das crianças, sem a menor dificuldade, embora bastante intuitivamente.

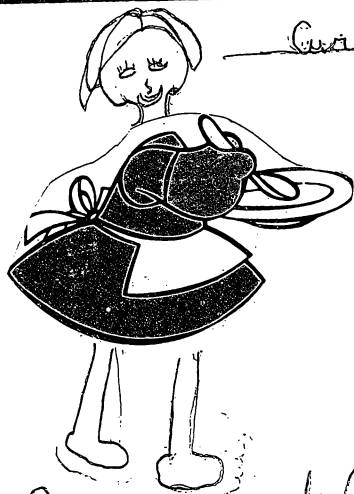
E então o momento de reescrita, junto com a criança, nunca seu texto será riscado ou altarado; a criança mostra a sua produção e a lê para o professor, que a reescreve com a participação da mesma, lendo em voz alta o que está escrevendo, permitindo a oportunidade de reflexão por parte da criança com relação ao código escrito. A criança participa ativamente, pois afinal é o seu texto que o professor está reescrevendo e ela se sente muito valorizada com isto.

Após a reescrita pelo professor a criança copia novamente o seu texto, sem apagar ou riscar o texto anterior.

E o mais importante é que as crianças nunca se recusam a escrever novamente o texto; ao contrário revelam prazer nisto.

---

- Texto produzido pelo aluno Marcos (13 anos).



Curitiba 16 de março de 1992 Marcos

O nome dela é a Xipita

É uma menina que é a filha da

amiga da mãe da mãe

O nome dela é a Xipita

Era uma vez uma menina que

estava com a amiga da mãe da mãe

Este aluno é o mais velho da classe e se encontra no nível alfabético, possuindo um maior conhecimento sobre o código escrito em relação aos outros.

Análise lingüística do texto do aluno Marcos:

Vemos, neste primeiro texto, corroborados as assertivas de Ingedore Villaça KOCH de que "diversos fenômenos lingüísticos podem ser explicados no interior do texto".

Embora de forma ainda rudimentar, o aluno Marcos, ao elaborar o seu texto já utilizou formas remissivas não referenciais presas, que no dizer de Ingedore Villaça KOCH funcionam como catafóricas, remetendo à informação subsequente. O aluno faz isto através do uso do artigo indefinido.

Era uma vez uma menina... (grifo nosso)

KOCH, Ingedore Villaça. A coesão textual. p. 14.

Ainda no campo da utilização das formas remissivas, o aluno revela capacidade de aplicação de elemento referencial preso, considerado a utilização do pronome relativo.

... uma menina que estava (...)

A utilização de pronomes relativos por alunos de 1ª série é rara no início do ano letivo, por estarem os alunos, muitas vezes, ocupados em atividades de "coordenação motora", recobrando letras soltas pontilhadas e outras atividades de importância que julgamos discutíveis.

Seguindo a metodologia de utilização do texto como recomenda a lingüística textual, desde o início das atividades, foi o texto tomado como objeto particular de nossa investigação e nossa prática, visto como unidade básica da manifestação da linguagem.

Destacamos, por fim, com relação a este texto, ainda a utilização do pronome adjetivo representado pelo possessivo:

(...) fazendo mingau para o bebê de sua mãe.

Observa-se ainda a utilização de forma anafórica representada pelo artigo definido, que faz remissão à informação que o precede.

o bebê (...)

A coesão textual se faz presente no texto, que representa já um processo de sequencialização que assegura essa coesão, ainda que a atuação do professor auxilie a criança para a recuperação da inteireza dessa coesão.

- Texto produzido pelo aluno Paulo (8 anos)

Curitiba, 10 de Março

Paulo



Isili estuda cusione  
vinda escola  
e lava roupa - a mãe dela  
vê que é muito forte.

Francieli estuda no Alameda,  
vem da escola e lava  
roupa. A mãe dela  
vem e fica com ela.



Análise lingüística do texto do aluno Paulo:

O aluno expressa em sua produção dados relativos a sua experiência de vida.

"Franciele estuda no Alcione, vem da escola e lava a roupa. A mãe dela vem e fica contente."

Alcione, é uma Escola Estadual, que também está localizada na Vila Nossa Senhora da Luz. A criança coloca que a mãe fica contente porque a filha lavou a roupa. E na Vila Nossa Senhora da Luz, na grande maioria das famílias, enquanto as mães vão trabalhar, as filhas e até mesmo os filhos realizam todos os serviços domésticos.

Em nossa comunidade as crianças de 7 anos participam ativamente do trabalho e das dificuldades familiares, e, por isso, revelam maturidade naquilo que escrevem.

Paulo em seu texto já realiza uma análise sonora dos fonemas que vai escrever.

Embora o texto apresente problemas de ortografia o aluno produz um texto coeso, tornando suas idéias claras ao leitor, estabelecendo relações de sentido através do uso do elemento de conexão "e".

"Franciele estuda no Alcione vem da escola e lava roupa...".

Na elaboração original do texto o aluno escreve o seguinte:

"Fsiéle estuda aisione veDa ecôla e la va ropa velha e viça coté".

Pode-se perceber que Paulo não colocou em seu texto a frase "a mãe dela,", este fato pode-se dar pelo motivo do fluxo do pensamento ser muito mais rápido que o da escrita. Na hora da leitura para a reescrita a criança percebeu que seu texto não estava claro ao professor, que perguntou ao aluno:

- Quem vem e fica contente?

Neste momento o aluno respondeu:

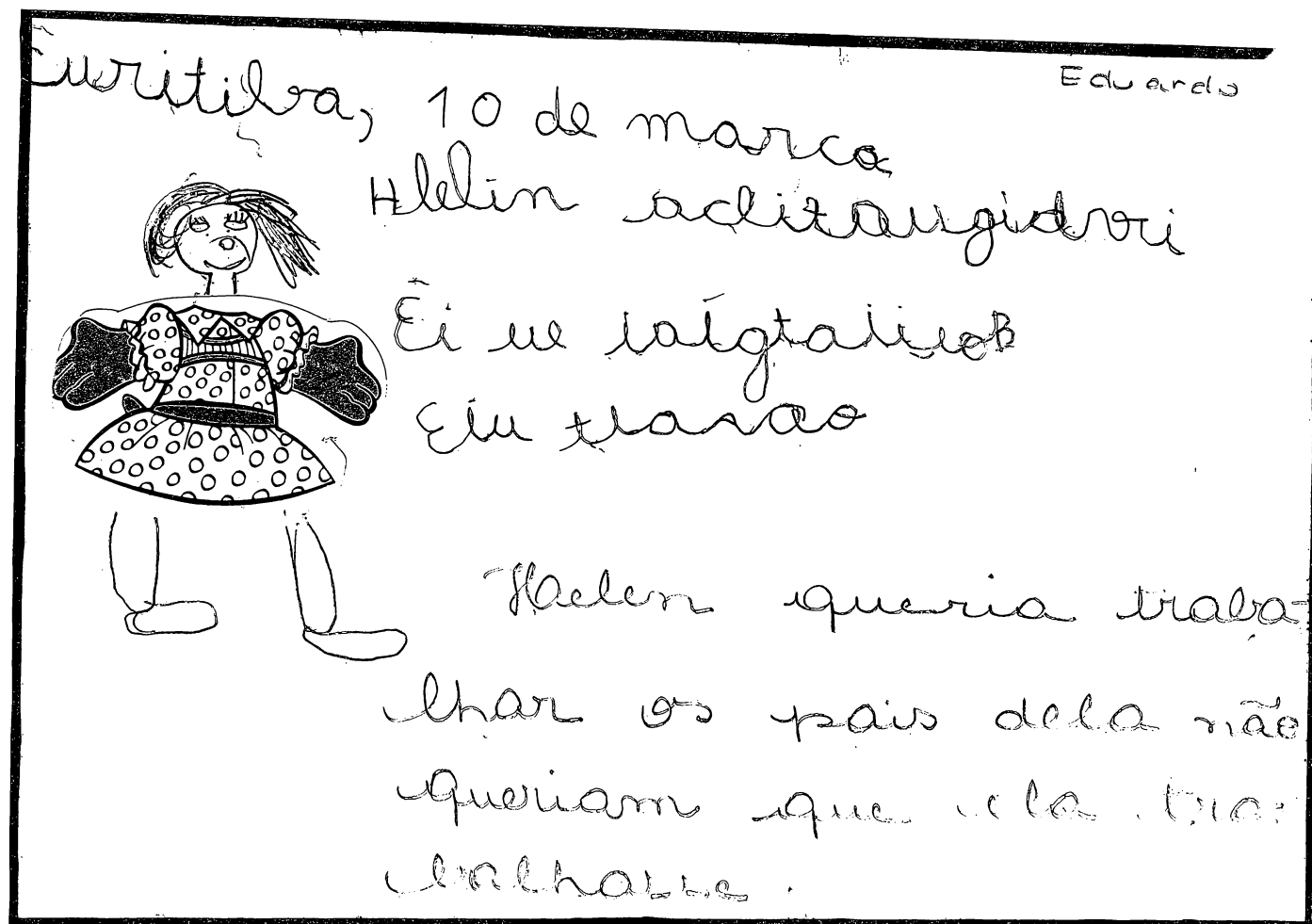
- A mãe dela!

O professor pode perceber que embora o aluno não tivesse inserido esta frase no texto, oralmente (mentalmente) a frase estava presente.

O aluno não faz pontuação nenhuma em seu texto, mas fica claro que tem a noção sobre os sinais de pontuação, por que faz uso do ponto final. Para ele ao terminar de expressar a sua idéia, o ponto deve ser colocado. Uma concepção bem clara a respeito do uso do ponto final, afinal, este texto foi produzido no início da 1ª série.

Todos estes fatores nos levam a crer que não é preciso que o aluno domine todos os mecanismos da escrita para perceber os elementos que desenvolvem um texto coeso e que atinja ao leitor.

- Texto do aluno Eduardo (8 anos).



#### Análise lingüística do texto do aluno Eduardo.

Pode-se perceber pelo texto deste aluno que embora ele não faça nenhuma relação entre letra/som; a criança se utiliza da "escrita" para expressar suas idéias.

Eduardo coloca em seu texto que Hellem "a personagem que imaginou", queria trabalhar, mas os pais dela não queriam. Em sua produção ele coloca sua história de vida, pois sua mãe enfrenta inúmeros problemas com seu pai pois precisa e quer trabalhar e o marido não permite que ela trabalhe, causando-lhe dificuldade nos empregos que arruma.

Acreditamos que o fato das crianças usarem o texto para expressar idéias e anseios é um fator muito positivo no que diz respeito à criança se interessar e gostar de escrever.

A medida em que esta criança tiver mais contato com livros e trabalhar diariamente com a língua escrita, ela terá a oportunidade de chegar a uma escrita alfabética muito mais rica do que se fosse trabalhada com sistemas convencionais de ensino. Estimulado este aluno chegará à descoberta do jogo da escrita alfabética.

Embora o texto deste aluno não tenha nenhuma relação letra/som, ele "lê" sua produção para o professor que a reescreve, estimulando o aluno a refletir sobre o uso correto das letras.

No texto reescrito, o aluno expõe idéias coesas que se articulam entre si.

A literatura é uma grande incentivadora para a produção textual.

A leitura esteve presente desde o início do processo de alfabetização estas leituras foram feitas com muito entusiasmo, sem esquecer de apelar para a mímica e a entonação de voz de acordo com o ritmo que as histórias seguiam.

Na sala de aula desde o início do ano são mantidas duas caixas em cima de uma carteira na frente da sala de aula. Uma caixa contém livros de literatura infantil, que são sempre renovados ( valendo-se da biblioteca ); outra caixa contém gibis de diversos tipos. Para a formação dessa caixa, houve a participação das próprias crianças, pois a biblioteca não dispõe de gibis. Muitas das crianças aproveitam o dinheiro que ganham com seus diversos trabalhos, como vender sorvete ou cuidar de carros, para comprar gibis. Essa iniciativa surgiu espontaneamente, pois as crianças queriam ver a caixa de gibis tão cheia e diversificada como a caixa de livros.

Todos os dias é reservado um espaço para leitura, mas se a criança não quiser ler, ela pode fazer outra atividade, como desenhar - por exemplo - E, porém, muito difícil uma criança não gostar de ler, ou pelos menos que não tente ler.

No começo do ano os alunos se reuniam ao redor do professor para que este lesse algum livro ou gibi. Não demorou muito tempo eles próprios quizessem ler para o grupo, e para isto contavam com a ajuda do professor.

Atualmente, as crianças se reúnem em pequenos grupos onde cada um lê um pouco. Algumas crianças gostam de ler sozinhas.

Esta é uma atividade tão natural, que as crianças chegam a pedir os livros para "brincar de escolinha" na hora do recreio. Até na brincadeira a leitura está presente! ( Atividade não valorizada, sequer como instrumento lúdico, na esfera familiar ).

As crianças solicitam os livros para levarem para casa, quando copiam o desenho ou até mesmo a história sem que isso lhes seja pedido. Essa atividade realizada de forma espontânea, dispensa a designação de tarefas de reforço de escrita para ser realizada em casa, por suas próprias iniciativas e de forma lúdica, já está reforçando a leitura e a escrita

- Segue alguns exemplos dessa atividade:

fuião com array  
seta pórtilho no meio metade de  
um elhachinho e o outro caunha  
das outra não goste de estar no  
ferrugem de quida - de uma virgula  
de um faga a tina na intuição  
deve estar de um lado na  
duas luas luas ranchanda sim  
dia colar com o resto de um  
uma cheia de se  
de cada para cada  
uma de cada para da

MARY FRANÇA

ELI ARDO FRANÇA

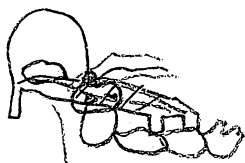
DIA E NOITE



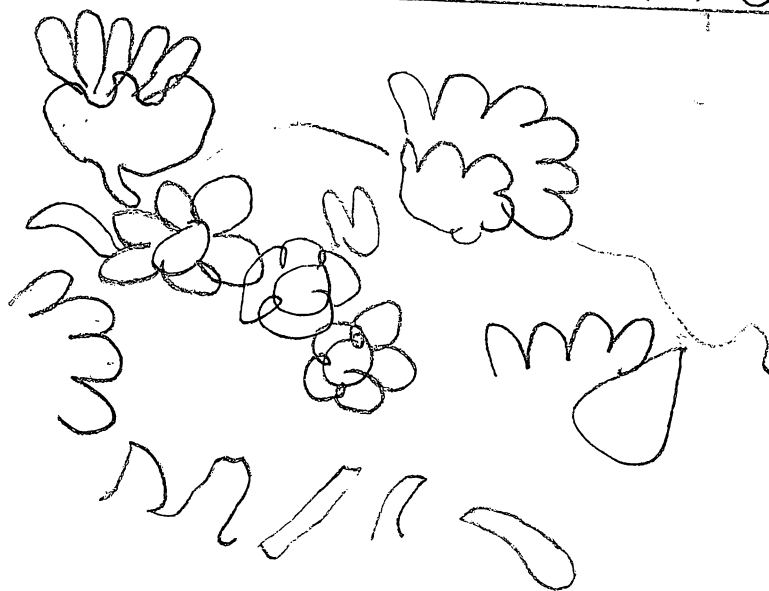
Não sei,

Não sei se gosto mais do dia

Não sei se gosto mais da noite



De dia eu posso brincar



- Comentários sobre o trabalho de exploração das histórias dos livros de literatura e gibis ( leitura, desenho, cópia espontânea ).

E importante observar que algumas crianças copiam o livro com letra de forma, mas outras já passam da de forma para a manuscrita, isto sem lhes ser solicitado, esta atividade é livre.

Observe-se, porém, que o aluno que usou a letra de forma ( Maurício ), teve toda uma preocupação de dividir a folha para cada página do livro sem esquecer de colocar o nome do livro e seu autor. ( Aspectos estes que são trabalhados durante a narração de histórias ).

A Narração de Textos dos livros e gibis é uma prática quase que cotidiana na sala de aula. O professor lê diversos tipos de histórias, as crianças sempre manuseiam os livros que são lidos, partilham das idéias e espaços onde se passam as histórias e se sentem familiarizadas com os livros.

A literatura foi trabalhada na sala de aula como um momento de prazer ( leitura de fruição ), procurando nos livros sempre "algo em comum" com as crianças, ajudando-as a conhecerem melhor diversos tipos de idéias trazidas pelos autores.

Os trabalhos com os livros ( algumas vezes ), partiu do momento, isto é, não teve um planejamento prévio, dependendo de como a criança aceitava o livro.

Os livros, na verdade, foram mais manuseados do que dissecados, porque alguns grupos revelavam mais interesse por um determinado livro; assim o trabalho vinha do próprio interesse que a criança tinha por um tipo de literatura

Alguns trabalhos não foram direcionados a toda turma, visto que, muitas vezes se trabalhava em grupos e as crianças podiam optar pelo livro que mais a atraía e muitas delas realizavam o " trabalho " que queriam a partir do livro.

- Alguns trabalhos individuais realizados pelas crianças baseados em livros de literatura infantil:

O aluno Adriano, leu com o seu grupo a história " O gatinho trapalhão " de Doris Beling Quintella. Ele gostou muito da história e escreveu o nome dos personagens em seu caderno. Na história existem diversos personagens - pois conta a aventura de um gatinho que caiu em uma lata de óleo e nenhum animal o reconhecia, pois ele estava muito sujo. Mas a sua mãe o reconheceu apesar da sujeira. E durante toda a trajetória do gatinho diversos bichos iam surgindo no decorrer da história.

Então, como o aluno escreveu o nome dos diversos animais da história, o professor sugeriu que ele escrevesse a história, porque assim todo o grupo poderia lê-la também. Em seu grupo há outro aluno que sempre o acompanha nas atividades, o Alexsander, e este disse que também iria escrever a história, só que não da mesma maneira que estava no "livrinho"; disse que gostaria de mudá-la. O professor gostou muito da idéia e deu o maior incentivo aos dois, dizendo que seus textos poderiam ser trabalhados por toda a classe, e que tinha o maior interesse em ler suas produções. Assim, os textos foram produzidos:

- O texto reescrito:

O gato fofo safado.

Um dia ele subiu no pé de banana, e escorregou e caiu no óleo. Se melecou todo de amarelo e depois que saiu do óleo foi embora. Ele viu o cachorro e falou:

- Oi cachorro?

O cachorro falou:

- Você não é o gato?

E o cachorro foi embora.

O gato foi andando e subiu na cerca e viu o pato. E falou:

- Oi pato!

E o pato falou:

- Você não é o gato?

E o pato foi embora.

O gato foi indo e encontrou o papagaio. O papagaio falou:

- Você não é o gato fofo?

E daí ele ficou triste porque ninguém reconheceu ele.

Chegou a mamãe gata e falou:

- Por que você está triste?

- Porque ninguém está me reconhecendo. E ele disse:

- Mamãe gata, você está me reconhecendo?

Mamãe gata falou:

- Sim filho! Mas mesmo que você fosse de qualquer cor, eu reconheceria você!

Todos os bichos ficaram reconhecendo ele. Ele ficou alegre.

O texto Original:

O gato falo safado um dia elisultio  
 Nopelabrana. esecorrego e caio molesco  
 semeleco tudo de amarello e depois ~~depois~~  
 questi saio decho feli nio e levia  
 ocachero e falo olpara ocachero  
 e ocachero falo e voca e o gato  
 falo e ocachero e falo enbora  
 fol andane e subio na arvore  
 e falo o lpara e falo  
 e o gato falo e - nio nio  
 e o gato falo e fol enbora e falo  
 e o gato falo e co nio e papagaio  
 e falo olpara e papagaio e o  
 papagaio falo e voca nio e  
 o gato falo e dai e levia truta  
 porque nin gen brecol nio e  
 da i. chego a mamal gata e  
 e falo porque voca nio e  
 porque nin quen tamere  
 rena e lefala mamal gata  
 aren oia tamere con e rena  
 a mamal gata falo sin fio

ninguno de nio. falo coque  
 cor dai xidos e falo falo  
 e falo e falo e falo e falo



### Análise lingüística do texto:

O texto de Adriano é significativo, apesar de apresentar marcas de oralidade como na grafia de palavras "subio", "caio", "tá" (por está), "coquê" (por qualquer).

Esses erros ortográficos se explicam perfeitamente pela transferência da marca da oralidade na escrita mas é importante observar que há uma perfeita organização da seqüência da narrativa, o que garante à produção a qualidade de um texto e não de uma simples justaposição de frases.

Entra aqui, também, a influência do dialeto falado pelos alunos, na escrita das palavras "andano" (por andando), "fio"(por filho), "recoeceno" (por reconhecendo).

Observando tais ocorrências é que procuramos intensificar o contato do aluno com os textos, utilizando a língua padrão, reestruturando-os, nesta fase inicial sem, no entanto, interferir na escolha dos elementos coesivos que, neste caso, se limitam a utilização do "e" e "daí".

Também se pode apontar como instabilidade a marca da voz do outro; ele ainda não usa travessão para marcar a mudança das vozes dos personagens.

É compreensível que este aluno, dada a sua pouca vivência escolar (pelo menos nesta visão de trabalho com a leitura e escrita de textos), tenha dificuldade no uso do discurso indireto e direto.

No trabalho de reestruturação do texto, o professor buscou, ainda, sem interferir na escolha dos elementos coesivos, familiarizar as crianças com os elementos fundamentais da pontuação e dar-lhes uma melhor consciência da natureza do texto escrito, procurando mostrar que este tem o objetivo de ser lido por alguém.

O texto do aluno Alexsander reescrito:

O gato fofo.

O gato foi na casa da Maria. Ele viu o cachorro, saio correndo e subiu na árvore.

O cachorro começou a latir. E veio a Maria e tirou o gato de cima da árvore e levou para casa.

O texto original:

O gato fofo

cachorro

fofo

fofo

fofo

O gato fofo  
foi na casa da Maria  
e ele viu o cachorro  
o gato saiu correndo e  
sobia na árvore de

cachorro com seu a latir  
e viu a Maria e tirou o gato  
de cima da árvore e levou para  
a casa  
fofo Bom!

### Análise Lingüística do Texto:

Alexsander recontou a história também estabelecendo relações significativas entre os elementos do texto.

O aluno se utiliza de elemento coesivos, estabelecendo relações de sentido, fazendo com que uma sentença esteja ligada a que veio anteriormente com o auxílio do conector "e". Cada ocorrência de um recurso coesivo no texto denomina-se "elo coesivo".

Embora o texto do aluno esteja claro ao leitor, fica demonstrado o excesso da partícula de ligação "e" (elemento de conjunção ou conexão). A medida em que esta criança for "evoluindo" no trabalho com textos, ela perceberá que poderá construir a coerência do texto usando como elementos conectores sinais de pontuação (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto).

Aparecem no texto de Alexsander influências dialetais ("correno" e "sobio"), valendo as mesmas observações feitas a respeito do texto do Adriano.

Ressalte-se que Adriano optou pelo discurso direto enquanto Alexsander valeu-se do discurso indireto. Observa-se que o problema maior é de pontuação (ausência de pontuação); o professor, sem interferir na simplicidade da história, busca dar clareza ao texto, marcando as pausas com os pontos finais e vírgula.

O aluno participa da correção de seu texto e acompanha cada registro que o professor faz, adquirindo assim, uma nova visão de correção, não como algo que critica, pune, mas como uma maneira de ajudá-lo a atingir um patamar mais elevado de competência lingüística.

- Considerações a respeito do trabalho dos alunos:

O trabalho dos dois alunos foi muito interessante, mesmo porque a história foi mudada pelo aluno Alexsander e deu a oportunidade de o professor explorar com os alunos a "recriação" que se pode fazer a partir de histórias lidas.

Com ambos os alunos os textos foram reescritos, procurando mostrar a importância e a necessidade da pontuação. Embora não se cobre do aluno uma escrita "correta", sempre são trabalhados todos os elementos que envolvem um texto:

- Sequência Lógica
- Paragrafação
- Pontuação
- Organização de idéias
- Argumentação
- Concordância verbal
- Ortografia
- Acentuação
- Maiúsculas e minúsculas
- Sinais gráficos
- Apresentação

Embora os temas metalingüísticos sejam apresentados aos alunos, estes, obviamente não lhes são cobrados, pois na 1ª série o que se espera do aluno é que ele escreva e evolua dentro daquilo que escreve procurando chegar a uma escrita ortográfica rica de conteúdo e, sobretudo, de criatividade, que é uma característica peculiar da criança nesta fase.

O que o professor visa na produção de texto de seus alunos é fazer com que estes sintam que eles escrevem com o objetivo de que há leitores para seu texto - os colegas, os pais, irmãos e professor - porque não faz sentido uma escrita sem razão. Tudo que se escreve é para ser lido. Nota-se que as crianças incorporam tal fato a partir do momento em que esta noção "escrevo para alguém ler, entender e gostar" é colocada, efetivamente, em prática.

Ressalta-se que além de os textos produzidos por estas crianças terem sido reescritos, eles foram passados no quadro de giz, para que todos os outros tivessem a oportunidade de lê-los também. Após sua leitura as histórias foram dramatizadas, muitos livros foram trabalhados com os alunos desde o início do ano. As crianças tinham a liberdade de escolher os livros pelos quais se sentissem mais atraídas; podiam, também, optar pela leitura em grupo ou individual. O professor estava à disposição para ajudar as crianças no decorrer da leitura.

Destacamos, como um trabalho individual bem interessante o da aluna Miriam (9 anos) - lendo o livro "O Canguru", de Ziraldo com o auxílio da professora a aluna revelou interesse e curiosidade toda especial pelo assunto.

A partir desse interesse houve uma discussão sobre a vida dos cangurus, quando tivemos até a oportunidade de ir a biblioteca pesquisar melhor a "história deste bicho que carrega o seu filho na bolsa" (como dizem os alunos). Eles fizeram muitas perguntas e foi possível discutir bastante sobre a vida deste animal que não existe no Brasil, de modo que as crianças só poderiam conhecê-lo por ilustração.

Miriam que já cursou a 1ª série, mas não chegou a concluir o ano, elaborou um texto sobre o canguru, vindo mostrá-lo e lê-lo para o professor.

Depois da leitura, seu texto foi lido e reescrito. O professor achou bastante interessante o fato da aluna ter elaborado uma produção em forma de diálogo.

Surgiu, assim, a oportunidade de ler o seu texto para a turma e discutir em conjunto a maneira como deve ser elaborado um diálogo.

A aluna ficou muito satisfeita com o fato da turma ter gostado da sua história. As outras crianças copiaram o texto da Miriam, e desenharam um canguru.

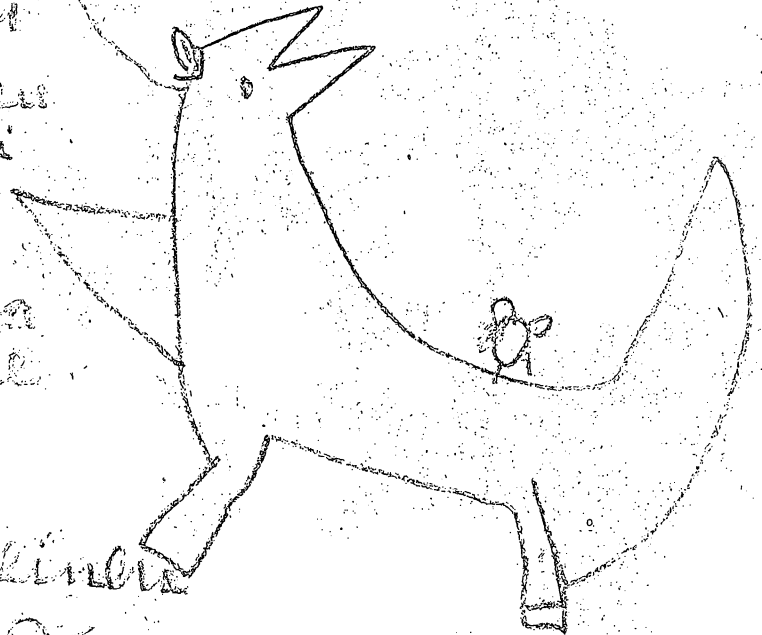
- Texto da aluna Miriam (original e reescrito)

Luiztilla, 28 de  
Abril 1994

~~Canção~~

Canção

onde  
está  
está  
aqui  
me  
está  
aqui  
aqui



Canção  
onde está  
Canção  
me  
aqui  
aqui

filinha  
me  
agradito  
está  
sim,  
mamãe!

filinha  
me  
agradito

Texto Reescrito

sim - Canção, onde  
mamãe  
está?

Sinto!

- Estou aqui no mundo  
- O que, filinha? Não  
acredite!  
- É isso sim, mamãe!

### Análise Lingüística do texto da aluna Miriam.

Valendo-se do discurso direto a aluna elaborou o diálogo entre o "papai canguru" e seu filho. Na reestruturação do texto, o professor busca conscientizar a aluna das possibilidades que a língua oferece para transmitir as suas idéias de modo mais claro, marcando as pausas com vírgulas e pontos e procurando dar à criança as primeiras noções da pontuação específica para a pergunta, para a admiração ("não acredito!", "Estou sim, papai!").

E evidente que a reestruturação dos textos só será compensatória e trará resultados se for sistemática e se o professor interagir com o aluno, valorizando a sua criação mas não descuidando de que detalhes omitidos sejam explicitados para que se favoreça a clareza da produção.

Presentes as influências dialetais ("coro" por "couro", "filinho" por "filhinho").

Observa-se a troca, bastante freqüente entre os alunos nas séries iniciais, da consoante surda "c" (k) pela sonora "g" (guê). Esta dificuldade foi trabalhada em exercícios orais, em voz alta e trabalhando-se com pares opositivos, conforme recomenda a lingüística, para que as crianças percebessem a sonoridade de um fonema em comparação com o outro e estabelecessem a diferença entre eles.

Aproveitando o texto da aluna Miriam a professora solicitou as crianças que desenhassem um canguru, como também fez a seguinte pergunta:

- O que é um canguru?

A partir daí foi explorado o sentido que faz o uso de um ponto de interrogação.

A aluna Cibele (8 anos), além de desenhar um canguru, aproveitou para responder a pergunta complementando o desenho através da escrita. Quando Cibele respondeu a pergunta usou elementos bem de acordo com uma resposta adequadamente formulada.

- Texto da aluna Cibele reescrito:

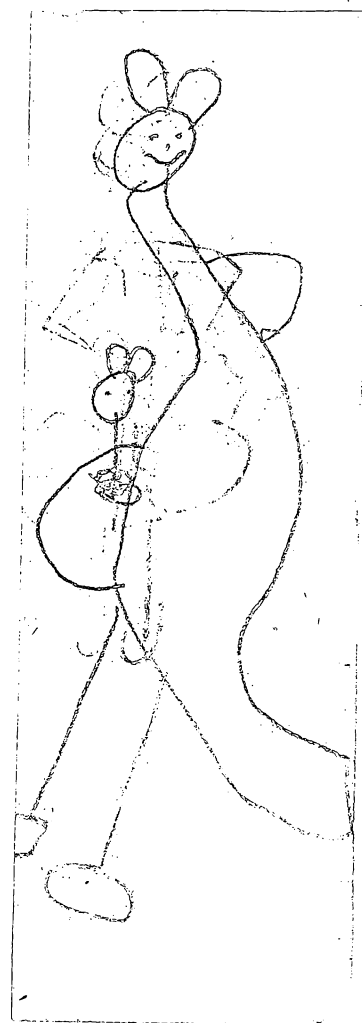
- O que é um canguru?

O canguru é um animal. Ele é um bicho que carrega o canguruzinho na bolsa.

Fim

- Texto produzido pela aluna Cibeles

O Canguru é um animal  
ele é um bicho que  
carrega o Canguruzinho  
na bolsa  
fim



## Análise lingüística do texto da aluna Cibeles.

Apesar de aparentemente simples o texto de Cibeles já estabelece relações de sentido e nele estão presentes "elos coesivos" representados pela referência (no caso pessoal "ele ", "que").

O fato de a aluna encaixar a oração seguinte através do pronome relativo "que" já demonstra certo domínio da forma escrita, pois já se mostra apta a produzir subordinações e não apenas coordenações.

Os problemas ortográficos, decorrentes mais das marcas de oralidade; "animau", "bixu", "bousa" não trazem prejuízo substancial a esta produção e foram trabalhados na reestruturação do mesmo, assim como os sinais de pontuação.

Com o objetivo de levar as crianças à escrita a professora também procurou se utilizar da leitura como um meio de incentivo, não com um objetivo meramente pedagógico, mas sim com um meio de vivência e prazer.

Um trabalho realizado com a classe foi a elaboração de um texto produzido coletivamente a partir de um livro "A Dona Baratinha e João Ratão".

A obra foi lida pela professora para toda a turma. Em seguida foi discutida "a mensagem" da história: o porquê Dona Baratinha aceitou casar-se com João Ratão. As crianças gostaram muito, principalmente do refrão da história:

- "Quem quer casar com Dona Baratinha que tem fitinha no cabelo e dinheiro na caixinha".

Após a leitura do livro foi feita a formulação de um texto coletivo sobre a história, atividade da qual a turma participou com muito interesse.

Após a formulação de textos coletivos foi muito explorada a leitura dos mesmos, já que há o real interesse das crianças em ler produções feitas por elas mesmas.

A leitura é realizada tanto individual como coletivamente e todos participam e "tentam" ler; caso alguma criança esteja com dificuldades o professor vai ajudando-a no decorrer do texto.



O texto coletivo sobre a dona baratinha ficou assim:

Helena Silva R.

e Curitiba 13 maio



Dona Baratinha

A Dona Baratinha achou uma

molda em sua casa Ela se sentiu

rica e foi procurar um marido

Aparentemente um boi um

galo e um coelho Mas ela

não gostou deles apesar de um

ratinho, ela gostou dele, se casou

e tiveram três filhinhas

autor, a mãe

### Comentários sobre o texto coletivo:

A Psicolinguística já nos ensina que o desenvolvimento gradativo do domínio da linguagem escrita se dá ao nível entre pessoas; por isso procuramos praticar a linguagem numa atividade da qual participassem, alunos e professor fugindo de exercícios repetitivos e valorizando a dimensão discursiva da linguagem enquanto oportunidade de interação.

Este texto, elaborado em grupo já evidencia como fruto da interação com os colegas e revela maior riqueza de elementos coesivos. A referência pessoal evidencia-se pela utilização do pronome pessoal "ela" avançando para aplicação da contração "deles" e para o uso do possessivo "sua". Há uma boa "costura" do texto e os alunos já assinalaram relações de sentido entre os enunciados, como a localização temporal explicitada através da utilização de "apareceu então um boi..." A conexão, pela adição de argumentos já apresenta também um avanço qualitativo pois os alunos não se limitaram só ao uso da conjunção coordenativa "e", utilizando também a conjunção adversativa "mas".

Na tessitura do texto observamos, também, a utilização de mais um dos mecanismos de coesão apontados por Halliday e Hasan\*, qual seja, a elipse, que se faz presente nas orações "...se casaram..." e "...tiveram três filhinhos" nas quais os alunos omitem o sujeito (A Dona Baratinha e João Ratão) elemento facilmente recuperável pelo contexto.

Para que a criança saiba produzir um texto é muito importante que ela tenha acesso a vários tipos de textos, pois não faz sentido a escrita espontânea se não se oferece subsídios para que a criança escreva.

O professor deve explorar bastante o texto coletivo em sala de aula, quando o próprio professor registra no quadro negro as idéias das crianças; o texto coletivo permite que os alunos reflitam sobre o que está sendo escrito, além de poderem visualizar melhor a estrutura de um texto.

O trabalho com o texto coletivo é muito amplo porque pode-se explorar vários temas, até aqueles do próprio cotidiano das crianças.

É muito importante propiciar a discussão antes da elaboração de um texto no quadro, porque assim as crianças têm a oportunidade de refletir antes de escrever.

A escrita das palavras pode partir do próprio texto que as crianças elaboram e o professor escreve no quadro. O texto, assim elaborado é algo muito mais significativo porque partiu da própria vivência dos alunos.

O trabalho com textos coletivos pode ser realmente muito rico, visto que põe a criança em contato com elementos que devem aparecer em seus textos espontâneos.

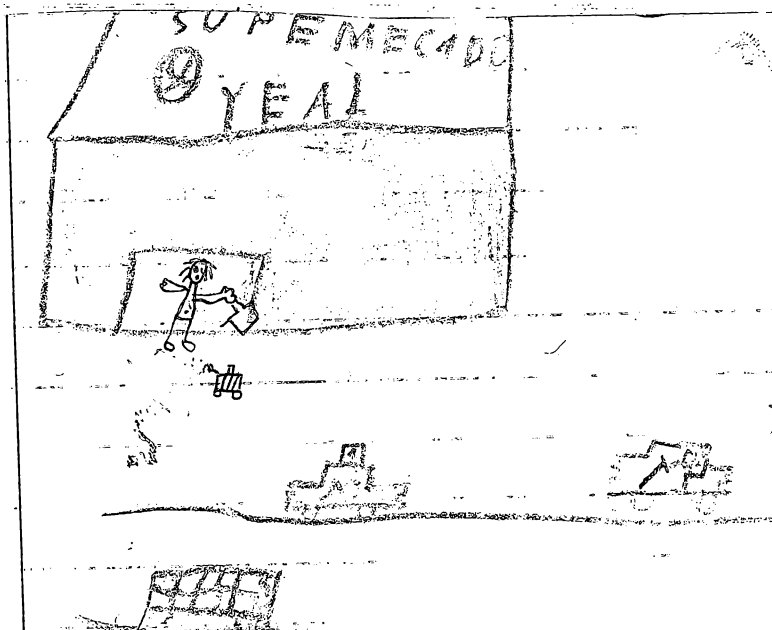
Ressalte-se ainda que a partir deste trabalho pode-se explorar inúmeras atividades de sistematização para o domínio do sistema gráfico.

\*HALLIDAY e HANSAN:

KOCH, Ingedore Villaça. A Coesão Textual. p.22

Exemplo de texto coletivo:

Civitiba, 17 de março 1993  
 A bolsa da mamãe  
 A mamãe foi no mercado  
 fazer compras. esqueceu a bolsa  
 em casa e não pode pagar a  
 compra. Voltou para buscar a  
 bolsa e pagar a conta e trazer  
 a compra para casa.  
 Autor: a turma



### Comentários para o texto Coletivo:

Muito presente neste texto, como mecanismo de coesão, a elipse, evidenciada pela substituição por zero, ou seja no apagamento do sujeito "mamãe" nas orações: "- esqueceu a bolsa", "voltou buscar a bolsa", "trouxe a compra para casa". Os alunos não se valeram aqui de referência (mais comum nos trabalhos anteriores), optando desde de logo, pela elipse.

Uma das vantagens do texto coletivo além da principal, que é a ampla possibilidade de interação entre os autores, é o fato de que os alunos exercitam a oralidade e confrontam várias alternativas de construção do texto, optando pela que tem a aprovação da maioria, possibilitando assim, uma vivência democrática no ambiente da sala de aula.

### Textos informativos:

Vários tipos de textos podem ser apresentados às crianças, lembrando que o texto deve ser o centro do trabalho do professor porque as palavras isoladas pouco representam.

Os textos informativos podem ser explorados de várias maneiras, e podem surgir de um questionamento dos alunos sobre determinados aspectos em relação aos quais as crianças apresentam dúvidas ou curiosidade. Também podem ser usados para subsidiar os textos das crianças quando os assuntos requerem informações mais elaboradas.

Em contato com bons textos a criança poderá aprender a discernir os elementos que um bom texto deverá conter.

Nestes meses de aplicação do projeto de pesquisa, vários textos foram trabalhados. - Um texto informativo que para as crianças foi muito interessante foi sobre os Dinossauros, pelo fato de as crianças assistirem na televisão "A Família Dinossauro" um desenho apresentado pela Rede Globo. As crianças falavam constantemente neste desenho e faziam muitas perguntas a respeito dos Dinossauros. Então, buscou-se, através de um texto informativo sobre os Dinossauros, não só explorar aspectos constitutivos de um texto como também solucionar dúvidas que as crianças apresentavam acerca do assunto.



### Quadrinhas:

Muitos textos foram explorados durante a execução deste trabalho; a quadrinha constitui-se em um exemplo, que além de ser um desafio para as crianças, foi uma "brincadeira" gostosa e interessante.

O aspecto lúdico deste trabalho desperta o interesse das crianças para a escrita, como também para o jogo de palavras que a criança de 1ª série sabe explorar muito bem.

As crianças leram, copiaram e interpretaram diversas quadrinhas. Durante dois dias consecutivos, os alunos "brincaram" com quadrinhas. E este tipo de texto foi tão bem aceito pelas crianças que elas mesmas quiseram produzir suas quadrinhas.

O trabalho superou até mesmo as expectativas do professor. As crianças foram extremamente criativas e este trabalho propiciou ainda mais a interação, pois as crianças se reuniram em grupos para trocarem informações e ajudarem-se.

A atividade foi muito significativa, pois os alunos tiveram coisas para dizer e depois para escrever:

Eu achei um pato  
fui o nome de pri - pri  
eu fui lá para nadar  
eu roubaram ele de mim. Paulo.



Eu estava indo para a casa

e machucou meu pé

com um prego enferrujado.

Ai! ai! que dor que

antes não

10/



Eu estava indo para a casa

e machucou meu pé

com um prego enferrujado

ai! ai! ai! que dor que

### A Escrita de Receitas:

É muito importante que o professor crie situações que levem as crianças a escrever, a refletir sobre as coisas que querem dizer.

Certo dia um aluno apareceu com seu rosto um pouco queimado, então o professor lhe perguntou o que havia acontecido; o aluno respondeu que havia se queimado enquanto fritava bolinhos. Este aluno tem apenas 7 anos de idade e disse ser ele mesmo quem preparava e fritava os bolinhos enquanto seus pais assistiam televisão. Quando o professor lhe perguntou como preparava esses bolinhos, o aluno respondeu dando a receita completa de como proceder para a preparação dos mesmos. Um fato que foi considerado muito interessante foi quando o aluno disse que para amassar a massa do bolinho deveria ser usada uma garrafa, mas uma garrafa limpa.

O professor achou muito interessante o conhecimento da criança a respeito do que ensinava. E resolveu escrever no quadro a receita do bolinho de trigo.

A "Receita" da criança foi uma informação muito bem aproveitada porque os alunos puderam perceber que todas as suas idéias podem ser escritas. E que quando algo é escrito não existe possibilidade de ser esquecido.

Foi importante aproveitar esta situação para explorar a formação de um texto, porque assim várias crianças se entusiasmaram a trazerem receitas, ou ditarem "suas receitas" para o professor escrever no quadro.



Receita do Bolinho de Trigo.

Witula, 30 de julho

Bolinho de trigo

Ingredientes

2 ovos

1 colher de pó royal

3 xícaras

modo de fazer

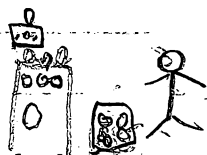
põe todos os ingredientes em uma

vasilha. Mistura bem a massa.

a massa corta a massa em pedacos

Plaquinhos e coloca no frigideira para fritar

Receita do Adiantado



Bom!

Ingredientes

2 ovos

1 colher de pó royal

1/2 colher de sal

3 xícaras

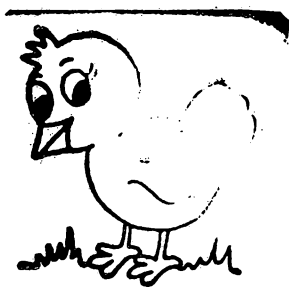
### Cartas:

A escrita de cartas manifesta a necessidade da escrita em comunicar idéias, desejos, sentimentos, enfim, a carta é um meio que a criança lança mão para atingir um leitor específico, uma pessoa concreta em uma situação concreta. E o fato da escrita ser usada em condições de real necessidade estimula não só quem escreve, como também, quem lê.

O professor deve promover situações em que as crianças correspondam-se entre si. É importante que o professor também escreva para o aluno, pois o aluno não encontrará motivação de escrever cartas se o professor não escrever-lhe ou também deixar de responder cartas por ele escritas.

No decorrer deste projeto as crianças escreveram muitas cartas, que trocavam entre si, além de também escreverem ao professor.

Cartas:



Adriano:

Como foi a sua  
visita ao médico?

P. Cristina

Isabel  
usivos  
parad  
nomedica  
comespai  
depois  
desi do ombro  
entrei nomedica  
come pa  
aliquid esper  
nomedica  
come pa

★ Gostei!

#### Análise da carta do aluno Adriano:

O professor, embora permitindo que o aluno escreva como sabe, não fica omissa a correção, já que é um processo de ensino. Assim as ocorrências verificadas, como as marcas de oralidade carregadas de influência dialetal: "eo" por "eu", "uonibos" por "ônibus", "comeo" por "como o meu", "esperano" por "esperando" são destacadas em atividades orais e escritas, sempre tendo como base o texto.

Uma das atividades levadas a efeito no trabalho de reestruturação, visa levar as crianças a perceberem cada palavra como elemento independente (graficamente) dentro da oração.

Para melhorar a compreensão da carta de Adriano, foi preciso então, fazer os ajustes necessários, de modo que ficassem claras as diversas palavras utilizadas. Assim, uma versão fiel do texto original foi a seguinte:

"Eu peguei o ônibus para ir ao médico  
com o meu pai. Depois desci do ônibus e  
entrei no médico com meu pai. Fiquei es-  
perando no banco com o meu pai."

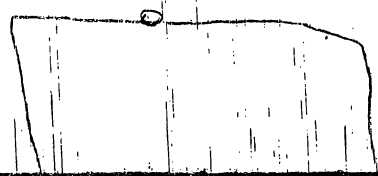
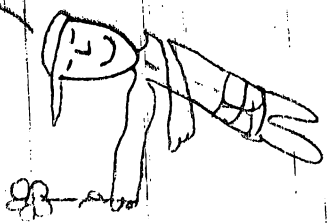
Observa-se que o aluno ainda não se vale do mecanismo de coesão como a referência ou a substituição que trariam mais elegância ao texto, eliminando as repetições. Respeitou-se, porém, a produção original pois cada problema deve ser trabalho de uma vez e o aluno terá ainda bastante tempo para melhorar a qualidade da escrita, como também do texto.

Carta do aluno Marcos:

Caro professor,  
em julho de 1993 para a primeira  
para a primeira vez a fazer o teste de ser para a primeira  
cartão que não deu a primeira que deu a primeira para a primeira  
muito e agora para dançar em vez ficar com saudade de

Marcos

de  
você  
muito



### Análise lingüística da carta do aluno Marcos:

Além dos aspectos já referidos de marcas de oralidade ("siora" por "senhora"), observa-se como aspecto ainda não abordado com relação aos textos anteriores, a hiper-segmentação da palavra "energia" (e nergia), pois possivelmente decorre da hipercorreção: O aluno generalizou, talvez, correções feitas para outras palavras.

Observa-se, no texto anterior, do aluno Adriano, a junção do "e" conectivo à palavra seguinte, grifando "ientrei" ( por "e entrei" ), "ifiquei" ( por "e fiquei" ).

O professor, procurando sanar tais ocorrências pode levar os alunos a este tipo de ocorrência, como no presente caso: o aluno generalizou as observações do professor e faz uma hipercorreção ao nível da palavra.

Por esse motivo, muitas vezes, o professor absteve-se de uma correção a nível ortográfico e sintático, buscando, primeiramente resguardar o todo signicativo do texto.

### A Narração de experiências vividas:

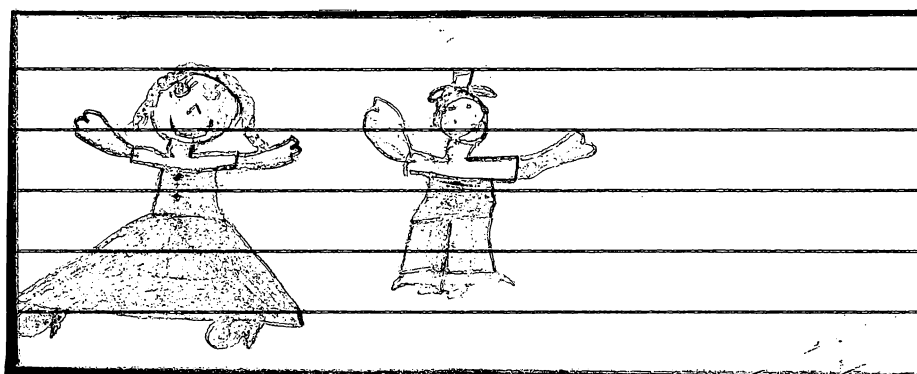
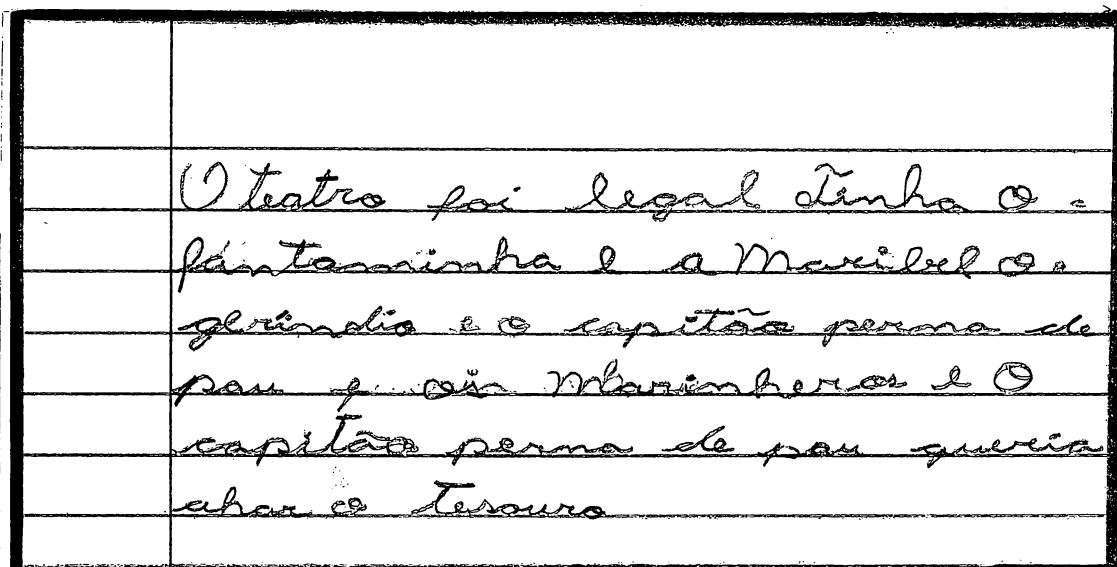
É importante na realização de uma atividade levar em consideração se a criança tem algo a dizer para, só então, escrever.

Dessa forma, como a turma foi assistir a peça "Pluft, o fantasminha", todos queriam comentar o que mais gostaram. A peça foi algo totalmente novo na vida das crianças, pois nunca elas haviam ido ao teatro. Desta maneira tinham muitas idéias a expressar a respeito do que assistiram.

Como algumas crianças haviam faltado no dia da apresentação, as outra que foram, queriam muito contar como foi a peça. Após os comentários, as crianças escreveram o que haviam comentado, pois assim poderiam formar um texto para que aquelas crianças que não participaram da apresentação, pudessem ter uma idéia mais completa de como havia sido a peça.

Assim as crianças escreveram o seu comentário, livre, do que mais gostaram da apresentação.

Como exemplo o texto da aluna Helem de 8 anos:



Análise linguística do texto da aluna Helem.

Neste texto a aluna Helem valeu-se da conexão, estabelecendo através da conjunção coordenativa "e" as relações significativas entre os elementos do texto, quais sejam, as personagens da peça teatral. Embora o aluno ainda não se mostre familiarizado com a utilização da vírgula, que seria desejável para a enumeração, mostra-se capaz de dar sequência lógica às idéias, enumerando-as com o auxílio da conjunção.

### Considerações finais:

Neste trabalho foram relatadas atividades de produção de textos realizados na 1ª série do 1º Grau da Escola Municipal Nossa Senhora da Luz. Aqui não se esgota o trabalho de alfabetização realizado com esta turma, mas pretende oferecer subsídios para que se possa verificar como as crianças adquiriram o domínio da língua escrita.

Diversos tipos de textos foram trabalhados no decorrer dos cinco meses de execução do Projeto de Pesquisa, procurando sempre, buscar atividades que viessem de encontro ao interesse do aluno, sendo sensível a este, encarando este aluno como um ser rico em experiências e, principalmente, com uma história de vida. Buscou-se em todas as atividades fazer com que o aluno contribuísse com o seu conhecimento, visando desenvolver a competência comunicativa, envolvendo-o em situações significativas onde pudesse expor o seu ponto de vista e reagisse criticamente a situações do meio.

Destacamos o fato de que as crianças não só esreveram textos, elas descobriram os textos, colocando sempre suas emoções naquilo que escreviam. Dessa forma, a escrita foi algo agradável para elas.

Todas as crianças, criaram, cada uma dentro do seu ritmo, umas revelendo tal capacidade criativa que superaram as melhores expectativas do professor.

Os alunos no início do ano, venceram a inibição natural que tinham em relação ao ato de escrever, e todos se envolviam nas atividades escritas realizadas em sala de aula.

A integração foi muito favorecida em sala de aula e os trabalhos em grupo foram constantes durante as atividades. Quando há interação as crianças trocam seus conhecimentos e também ajudam-se entre si, pois num grupo convivem diferentes preocupações e diferentes níveis de conhecimento e com ajuda as crianças podem chegar a aproveitar muito estas diferenças.

O que mais valeu neste trabalho foi o fato de o professor ter conquistado no aluno a sua vontade mais íntima de escrever, porque os textos dos alunos não foram palavras soltas ou simples grafias mecânicas, mas foram as suas próprias vivências, fatos que retratam as suas situações culturais, expressão de sentimentos, momento de criatividade ou até de desabafo.

Prova-se, assim que o trabalho com a produção de textos não é uma justificativa mas expressão das experiências do aluno com o meio.

Para corroborar o que se argumenta neste trabalho seguem os textos livres do aluno Adriano, de 10 anos de idade; que relata o que aconteceu com um ganso que criava em sua casa.

#### 1º Texto Reestruturado.

Eu tenho um ganso branco ele é brabo demais. Um dia a minha irmãzinha foi lá atrás brincar de casinha e meu ganso mordeu ela. Ela ficou roxa na perna e chorou bastante. Daí o meu irmão trouxe um cachorro o nome dele é Rinti, ele é grande e a sua cor é preta e branca.

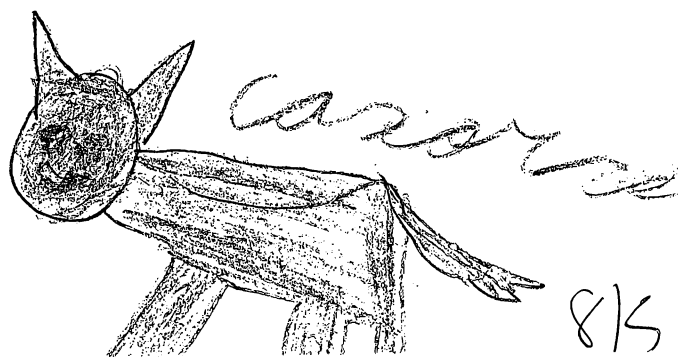
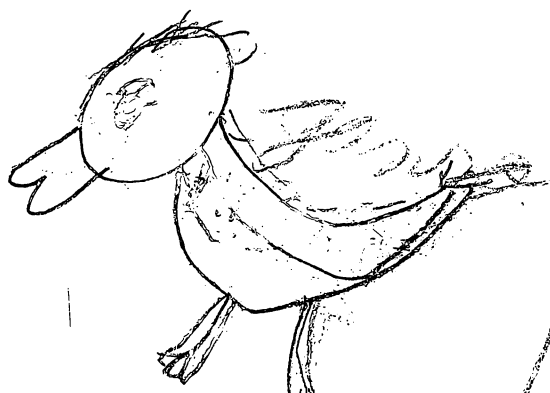
A noite o ganso saiu lá de trás e vinha atentar o Rinti e beliscava o Rinti. O Rinti corria. O Rinti ficou com raiva e saiu da casinha e correu atrás do ganso e quase pegou ele.

Então eu peguei o ganso, pus lá atrás e tranquei ele.



Texto original:

O temo um gâmo braco e le é brabo de mais um dua  
 min a ermazinha fo latra es brincar de cagô  
 nes gase mordos é la é lafics rapa naperna  
 oro bastaa da i meo ermas trose um caxote  
 u o nome de le é rinti ele é grande e aror e preta  
 race da i de nois o gase saia de la de tras  
 enho o tentos o rinti e le bilurava o rinti  
 coria dai o rinti fico com a rava e saia da  
 rinta e corio de tras do gase e coze pegô dai  
 O pegli o gase e pui lateral e traquei



O texto original:

Sabê o meo pai Ele Mato  
 o Noso garo porque de  
 Noite o vizinho fiza  
 reclamano dai o meo pai  
 dise queia matar ele com uma  
 mais a miamal fizo nas  
 adiatu matar com a faca  
 porque sai muita sangue  
 dai o meo pai falo em  
 Mo - sai - Mui - Irague  
 dai meo pai falo  
 garli e a matar com  
 o pedasso de pal dai  
 meo pai pega o pedo  
 e de na cabeça dele dai  
 Ele tico tonto e clai dai  
 Ele levato dai meo pai  
 deo um moto de pas e de  
 dai Ele o avo para meo  
 pai e charava dai meo

pai de O Otupae daia  
daí ele moro daí amda mai  
e mes pai ficara des penam  
O que daí meo pai fale  
sobra segue ai porqu  
la nobar com p  
corda de cae do que no  
daí meo pai nã dá  
com a cara de que no  
daí eles ficara fazendo  
daí eu fui der m  
eles terminara ehoi meo  
corda para e regatar  
daí eu fui pa  
nas com a carne de  
gado

fim

Comentários a respeito do texto do aluno Adriano:

Ao reestruturar o texto, a professora dividiu-o em parágrafos, mostrando ao aluno ser esta uma possibilidade que a escrita oferece de tornar clara a história, pelas pausas que se estabelecem.

Quando o aluno se vale do conetivo "daí" ele pretende introduzir uma idéia que fará, na seqüência, parte integrante da história.

O aluno estabelece em seu texto relações de sentido, fazendo uma ligação entre suas idéias, tornando, assim, seu texto compreensível ao leitor e conseguindo também transmitir a dor que sentia pela perda do animal que gostava.

Muitos outros textos expressam verdadeiros sentimentos e histórias de vida da própria criança como o texto do aluno Marcos, que conta sobre o seu coelho.

O trabalho com produções de texto, revelou-se muito importante na alfabetização, porque além de estimular a criança para a escrita, consegue resgatar na criança o gosto pela expressão de sentimentos, como o caso da aluna Lucinéia que produziu um texto sobre o presidente da República.

Neste caso, o texto não foi solicitado especificadamente, o trabalho foi a partir de revistas, onde as crianças folheavam e caso achassem algo que as interessava deveriam escrever ou contar ao professor.

- Texto reescrito e original:

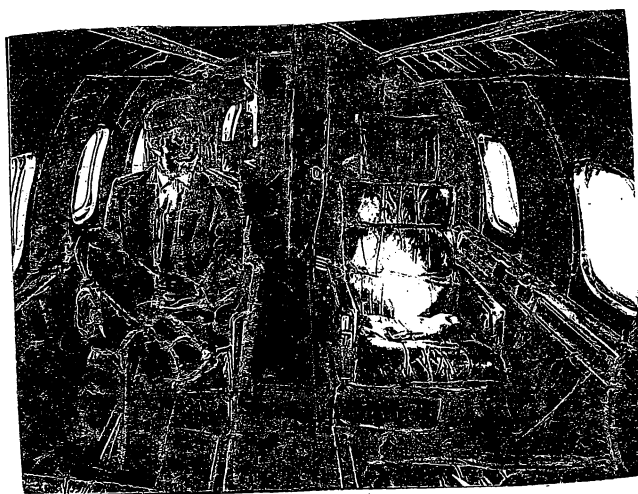
Eu tinha um colho orelhudo.  
O nome dele era Orelhão. Eu gostava  
muito dele. Meu pai queria que eu  
jogasse porque ele cagara  
muito na casa. Eu não deixei fazer  
um lugar para ele atrás da casa.

Eu tinha um colho  
orelhudo. O nome dele  
era Orelhão. Eu gostava  
muito dele. Meu pai  
queria que eu jogasse  
ele, porque ele cagara  
muito na casa. Eu  
não deixei, eu fiz  
um lugar para ele  
atrás da casa.

Gostei muito  
da sua história

O texto:

O tão famoso chamado Periclitador  
que foi uma força só para roubar os dinheiros de  
cidadãos brasileiros mas aí que tá as duridas os  
ladrões sempre citam mas este ladrão  
ele não tem nenhuma coisa de a-riso



As produções espontâneas das crianças foram o aspecto mais significativo neste trabalho, porque se pôde, verificar, através dos mesmos que as crianças souberam, lançar mão da escrita para expressar idéias e sentimentos, não revelando "medo" na hora de escrever, escrevendo porque realmente sentiam necessidade e não somente para agradar ou porque o professor havia lhes pedido.

O envolvimento do aluno com a escrita é o grande êxito no processo de alfabetização. E o mais importante é que estes alunos revelaram interesse em apresentar um bom texto - Com relação aos erros lingüísticos ficou bem clara a utilização da estratégia da criança em escrever como se fala. As crianças se utilizam da linguagem que o meio lhes oferece. Mas isto não deve constituir um problema para o professor ou para a escola, pois à medida que a criança vai progredindo em seus resultados a sua fala vai se aperfeiçoando; isto é um fato natural. Então, o professor deve desenvolver no aluno a consciência da adequação lingüística aos padrões que a língua culta exige: porque ele precisa ter a consciência de que está escrevendo para alguém, e que a forma escrita que deverá utilizar deve ser a norma padrão.

Se o professor demonstrar ansiedade no erro, ele está alimentando a ansiedade também no erro da criança. E ele pode reduzir a possibilidade de errar, mas consequentemente, formará escritores com textos reduzidos e artificiais. O professor deve se importar com os erros, mas sem esquecer que toda a correção tem que envolver efetivamente o aluno, porque um texto bastante marcado com caneta vermelha reduz o entusiasmo para novas produções.

O professor deve visar um bom texto de seus alunos, mas não deve esquecer que para isto é essencial que possibilite situações significativas para que este aluno goste de escrever - e o mais importante, valorizar o texto deste aluno, fazer com que a criança sinta como é bom escrever algo, e que sempre se escreve para alguém ler função essencial da escrita.

Trabalhar criativamente a escrita e a leitura deixando de lado exercícios repetitivos e treinamento de formas gramaticais é o primeiro e maior passo para a formação de escritores criativos!

O refinamento virá, pois, com a prática, sob orientação do professor, com a motivação e com a leitura de bons livros.



### Conclusão.

A função primordial da escola é propiciar o domínio da leitura, da escrita, da construção de conhecimentos matemáticos e o conhecimento das ciências naturais e sociais. Mas muitas vezes a escola usa caminhos tortuosos e ineficientes para o alcance desses objetivos.

Este trabalho visa provar que através da Produção de Textos, o professor pode não só trabalhar conceitos, como também através do conhecimento da criança chegar ao saber elaborado.

A escola pode ser eficiente na medida que propicia à criança diferentes tipos de situações e informações que leve à crítica, ao pensar e ao repensar. Pode ser eficiente também a partir do momento em que acredita no seu aluno, abrindo-lhe horizontes e pondo esta criança em contato com diversos tipos de materiais escritos. Sim, pois muitas vezes a criança não lê e não escreve pelo fato de ainda não ter sido posta diante de materiais que a entusiasmam para isto.

Além de acreditar na criança o professor deve também saber avaliar o progresso desta criança, porque não existe sujeito universal, é preciso saber avaliar o progresso de cada aluno partindo do nível de conceitualização que esta criança se encontrava quando iniciou a escola.

Entendendo que a escrita se dá diferentemente de criança para criança, a metodologia utilizada não foi a mesma para todas as crianças, e obviamente a classe não avançou em um mesmo ritmo. Mas todos avançaram a partir do nível em que se encontravam quando ingressaram na escola.

Então, podemos concluir este trabalho validando a hipótese levantada: "A Produção de Textos contribuiu efetivamente para a alfabetização de crianças na 1ª série do Ensino de 1º Grau".

E pelo progresso e avanço dos alunos desta turma de alfabetização podemos verificar o quanto este trabalho pode ser rico e significativo, propiciando o aperfeiçoamento do docente, ao mesmo tempo que estimula e desenvolve o aluno leitor e escritor, como agente e sujeito de sua própria atividade. Terá, pois, sempre o que dizer, o aluno que não repete fórmulas feitas, que não reprisa o lugar - comum, pois sabe que é único como ser humano, que tem o que falar e que a sua fala é importante pois através dela - oral e escrita - é que ele apresenta e amplia, pelas repetidas experiências - a sua visão do mundo.

#### Referências Bibliográficas.

- CAGLIARI, Luis Carlos. Alfabetização e Linguística. 3ª ed. São Paulo, Scipione, 1991.
- CALKINS, Lucy McCormick. A arte de ensinar a escrever. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- CEGALLA, Domingos. Novíssima gramática da Língua Portuguesa, Nacional 17ª ed., São Paulo S.P.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKI, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. 4ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- GUIMARAES, Maria Ignez de Oliveira. Redação Escolar: Processo e Produto das Classes de Iniciação. Dissertação Apresentada do Curso de Pós-Graduação em Educação. Curitiba 1980.
- JUNQUEIRA, Sônia. O Peixe Pixote. 4ª ed. São Paulo, 1988.
- KOCH, Ingedore Villaça. A Coesão Textual. 4ª São Paulo, Contexto, 1991.
- LIMA, Elvira C. S. Algumas questões sobre o desenvolvimento do ser humano e a aquisição do conhecimento na escola. Secretaria do Estado do Paraná. Curitiba, 1990.
- QUINTELLA, Doris. O gatinho Trapalhão. 2ª ed. São Paulo, Atica, 1990.
- SINCLAIR, Sinclair (organizadora). A produção de notações na criança. Tradução Maria Lúcia Moro. São Paulo, Cortez. 1990.
- SMITH, Frank. Compreendendo a leitura: uma história psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- TEBEROSKI, Ana & CARDOSO, Beatriz. Reflexões sobre o Ensino da leitura e da escrita. 2ª ed. São Paulo, Trajetória, 1990.
- TENE. A Flor. 4ª ed. São Paulo, Atica, 1984.

## Anexos



Fig. 1



Fig. 2